

# BRASIL-PORTUGAL

16 DE JULHO DE 1902

N.º 84



João Antonio Brissac das Neves Ferreira

Capitão de mar e guerra, ministro de Estado Honorario e ajudante de campo de S. M. El-Rei

† no Funchal a 5-7-902

# POLITICA INTERNACIONAL

**S**é certo que na desgraça mais se apertam e avigoram os laços, que prendem os diversos membros de uma família, á Inglaterra não faltou esta compensação á tremenda provações por que nos últimos tres annos ella tem passado. Assim, principalmente a guerra sul-africana com todos os horrores, sobretudo os do primeiro periodo, os da *semana negra*, em que as armas inglezas soffreram descabalos até ahí para ellas desconhecidos. Depois a morte da rainha bem amada, que para a nação era o symbolo da enorme pujança do imperio em mais de meio século de constante progredir. Depois a coligação moral de quasi toda a Europa, apertando-a no cerco da mais hostil propaganda, que jamais se fez contra um povo. E agora para remate de tanta sorte contraria á nossa, a morte do rei, no proprio momento em que de todos os extremos do imperio se preparava a grandiosa homenagem da coroação, que devia pôr o fecho ao trabalho edificio da federação da «Maior Bretanha.»

E contudo de tanta contrariedade só tem resultado beneficios para a concção da grande familia anglo-saxonia, que hoje se apresenta unida por uma solidariedade, que ha alguns annos apenas ninguem poderia suspeitar. A guerra com o Transvaal, que no dizer da imprensa anglophoba havia de fazer soar o *finis Britanniae*, deu ensejo a que se estreitassem os laços que até ahí frouxamente ligavam as colonias do Canada e da Australia á mãe patria, e a que entrasse em execução o plano por tanto tempo tido como irrealizavel da federação do imperio. O passamento da rainha Victoria, que parecia perda irreparavel e de inquietadoras consequencias por privar o throno do prestigio, que lhe advinha da popularidade da soberana morta, deu origem a uma manifestação de idealismo até então sem precedentes na historia dos luctos da Inglaterra. A hostilidade encoberta ou declarada da quasi totalidade da Europa continental, hostilidade contida apenas, no que respecta a alguns governos, pelo receio de provocar um conflicto, cujas consequencias ninguem poderia prever, em vez de prejudicar o resultado final da guerra, mais inevitavel o tornou pela natural reacção do povo inglez contra a acintos propaganda de que era alvo. Sem contar que essa mesma propaganda, pela propria exaggeração, que desde logo lhe tirava todo o valor, por um lado mais solida tornou a situação do governo, e pelo outro mais significativo relevo deu ao auxilio em contingentes de tropas com que as colonias protestaram contra a immercedida aggressão á mãe patria. A fúria anglophoba vai todos os dias sendo substituida pelo sentimento mais imparcial da realidade. São os proprios boers pela fórma como estão fazendo a submissão, e pela maneira inesperada por que estão fraternizando com os vencedores, que justificam o que de resto de todos era sabido, isto é, que a guerra foi principalmente promovida e sobretudo prolongada pela oligarchia que tinha por chefe na Africa o presidente Krüger, e por representante na Europa o celebre Dr. Leyds. Destruído o poder d'essa oligarchia, que para justo castigo das suas responsabilidades nem sequer se lembrou de celebrar a victoria, para a celebração da paz, o povo boer, heroico e innocente do drama sangrento em que elle foi o protagonista pelo criminoso egoismo dos dirigentes de Pretoria, apressa-se a patentear a alegria que sente, por ver cessar as hostilidades e poder voltar aos seus abandonados lares. E para que n'esta hora solemne da fraternisação de inglezes e afrikanders nada falte a proclamar a rehabilitação da Grã-Bretanha, vem o mais alto representante d'essa Alemanha militar, que pela bocca de Bülow com tão injustas palavras ferira a reputação do exercito inglez, confessar que o chancelleiro fora imprudente e menos verdadeiro, quando proferira no *Reichstag* o triste discurso, que decreto não lhe fará grande honra perante a historia.

Com effeito, n'um jantar dado em sua honra pelo marechal lord Roberts o marechal Waldersee, pronunciou no brinde que ahí levantou as seguintes palavras, demasiado graves em vista dos precedentes, para não haverem sido proposadamente ditas: «E' alta honra para mim tomar parte nas presentes festas da coroação de Sua Magestade, vosso augusto rei. A circumstancia de eu no anno passado ter tido a honra de commandar tropas britannicas e de observar de perto a disciplina e a valentia, que as distingue, augmenta a minha alegria e satisfacção, n'este momento em que sou hospede do tão distincto general em chefe do exercito inglez, do sempre victorioso feld-marechal. Nós soldados allemães sabemos todos bem quão difficil e trabalhosa foi a missáo, que o exercito britannico teve de desempenhar na Africa Austral; sabemos tambem que os officiaes e os soldados do vosso exercito levaram a cabo essa missáo com a maior dedicação á sua patria, com valentia e humanidade.»

Depois d'este solemne testemunho, partindo de tão alto e que tão bem vinga a honra das armas inglezas, a que fica reduzida a celebre replica do conde de Bülow na memoravel sessão do *Reichstag*, em que tão grosseiramente foi insultado Chamberlain?

A abundancia de successos na politica internacional não consentio, que até hoje sausessemos n'estas columnas o nascimento de um novo estado, que vê finalmente recompensados os sacrificios que lhe custou a sua independencia. Referimo-nos á reconhecida república cubana.

Os Estados Unidos cumpriram a promessa, que solememente haviam feito ao declarar em 1898 a guerra á Hespanha. Deram a autonomia a Cuba, e pelo menos, no que diz respeito ás apparencias, desempenharam-se do compromisso tomado. O exercito de occupação deixou a ilha. A administração foi entregue aos naturaes. Funcionam camaras cubanas.

E foi eleito presidente Estrada Palma, homem muito estimado pelos seus concidatãos, que n'elle vêem a garantia da prosperidade da república recém-fundada.

Mas no fundo a situação não se mostra tão risonha, como á primeira vista parece. E' verdade que politicamente Cuba está independente ou pouco menos. Economicamente, contudo, não só a ilha se encontra em uma posição difficilissima, por motivo da longa guerra de que acabou de sair, senão tambem que os Estados Unidos estão concorrendo ainda para tornar essa posição mais insustentavel. O problema a cuja solução está ligada a independencia de Cuba resume-se no seguinte: concedem os Estados-Unidos aos productos da ilha, especialmente ao assucar de canna, uma tarifa que lhe permita collocação no mercado yankee, ou não concedem? No primeiro caso o futuro da nova republica está assegurado, embora por muito tempo ainda as consequencias desastrosas da lucta contra a Hespanha tenham de fazer-se duramente sentir. No segundo caso, porém, ao que parece o mais provavel, a independencia cubana está fatalmente condemnada, porque a ruina economica da ilha é certa, e para a evitar não soffre duvida, que os mais calorosos partidarios da Cuba autonoma hão-de ser os primeiros a trabalhar pela annexação aos Estados-Unidos. E que este será o desenlace da presente situação, tudo o leva a crer. Os productos do assucar de beterraba, e portanto os adversarios da livre entrada do assucar cubano estão em maioria no Congresso de Washington, e não obstante os esforços do presidente Roosevelt tem até hoje impedido e continuarão a impedir, que se faça qualquer concessão aduaneira a Cuba. N'estes termos e dada a presente situação, que principia a ser insustentavel, que resta á desgraçada ilha? Evidentemente trocar a independencia, que tanto sangue generoso lhe custou, pela prosperidade economica sem a qual não poderá subsistir.

E assim os Estados-Unidos, aparentemente concedendo a liberdade a Cuba, estão de um modo indirecto, mas seguro, preparando a annexação definitiva.

Mal diriam Marti e Maceo, mal diria Calixto Garcia, que no fim de contas só tinham trabalhado para fazer mudar de senhor a patria amada!..

Conforme podia prever-se das declarações feitas ha alguns mezes pelos ministros dos negocios estrangeiros dos estados da Triplice-Alliança, foi renovado o pacto entre os tres paizes, nas mesmas condições segundo se deprende das noticias officiaes, sem se saber ao certo quaes estas condições sejam. Foi até agora tem se conservado cautelosamente secretas. Foi em Berlim que a nova prorrogação se assignou, entrendo n'este acto por parte da Alemanha o chancelleiro conde de Bülow, por parte da Austria-Hungria o sr. de Szögeny, e por parte da Italia o conde Lanza, estes dois ultimos embaixadores dos seus respectivos paizes junto do imperio germanico.

Está, pois, consummado o acto que tanto se discutiu ultimamente, e que a muitos se affigurava difficil senão impossivel de renovar, e que estas potencias alliadas temo mais a peito a presente renovação, que com um anno de antecedenencia se realisou afinal?

Tudo leva a crer, que houvesse sido a Alemanha, mesmo porque é esta nação, quem desde o principio mais tem lucrado com o accordo diplomatico inventado por Bismarck para salvaguarda dos interesses germanicos. A Italia tranquilizada hoje do lado da França pelo accordo negociado pelo sr. Barrère, já não vê a Triplice-Alliança com os mesmos olhos com que a via, quando Crispi a inculcava como a unica garantia da independencia da peninsula. Com a Austria-Hungria dá-se pouco mais ou menos um caso analogo. Bismarck lograra persuadir a vencia de Sadowa de que as provincias slavas do imperio austro-hungaro estavam á mercê da voracidade russa e que o unico meio de conter a ambição moscovita era a aliança com a Alemanha, bastante forte para a proteger contra todas as eventualidades. Mas hoje a situação politica tambem por este lado variou muito, e a approximação cada vez mais accentuada entre Vienna e S. Petersburgo desfaz uma nova malha da teia tão bem urdida pelo chancelleiro de ferro.

De modo que, tendo cessado de corresponder a urgentes necessidades na politica nacional da Italia e da Austria Hungria, não admira que n'estes dois paizes a noticia da renovação da Triplice disparetasse pouco mais do que um sentimento de indifferença. Na Italia mesmo o sentir geral é antes de descontentamento, por não se haver conseguido libertar ainda d'esta vez a nação de um compromisso, que principia a parecer pezado e sobretudo inútil. Apenas um paiz saudou com verdadeiro enthusiasmo a assignatura do novo tratado — foi a Alemanha. E comprehende-se bem o razáo.

Dos tres aliados foi o imperio germanico o unico que soube tirar partido do pacto, que parecia dever dar a todos as mesmas vantagens. A Alemanha servio-se da Triplice Alliança para firmar a sua hegemonia politica na Europa, para robustecer a sua acção no Extremo Oriente, e para dar o colossal impulso á sua expansão mundial, que em poucos annos a constituiu uma das primeiras potencias colonias. Hoje vê surgir lhe pela frente a aliança anglo-japonesa, que desde já a Cuba de aqui a pouco se inespereará a barra de uma velleidade de conquista por parte da Europa. Kiau-Chau não seria hoje possessão allem, se o accordo entre Londres e Tokio existisse ha quatro annos. Em Berlim sabem-n'o bem. Não admira, pois, que o imperio allemão, ante a perspectiva nada tranquilisadora de ficar isolado em frente de Japão e da Inglaterra aliados, houvesse trabalhado com ardor para renovar a Triplice, e que mais do que os seus associados se regosije pelo exito conseguido.

## As qualidades dos bons vinhos de pasto

(Excerpto da conferencia do Sr. J. Batalha Reis na Associação Commercial de Lisboa em 31 de junho)

São as classes menos cultivadas — aquellas que quasi exclusivamente consomem cerveja e whiskey, ou que apenas começam a apreciar os vinhos de pasto, e por isso os aceitam menos perfeitos — as mais conservadoras dentre todo o povo inglez.



Jayme Batalha Reis

Addido commercial à legação portugueza em Londres

cada typo diferentes grãos de perfeição. E' necessario porém, que, quanto possível, esses vinhos satisfaçam todos os seguintes requisitos fundamentaes:

1.º Que tenham passado o periodo, que eu chamarei, da depuração violenta;

2.º Que sejam e se conservem perfeitamente limpídeos;

3.º Que os sabores dos seus diferentes componentes estejam como que fundidos n'um só, — que esses componentes produzam, no paladar, *uma impressão de harmonia*, e não impressões muito distinctas e rudes;

4.º Que tenham o sabor completado por um aroma ou *bouquet*. Como obter estas diferentes qualidades?

Em 1.º lugar, — e suppondo que os vinhos foram bem compostos nas castas d'uvas de que proveem e bem dirigidos nas diferentes fases da primeira fermentação tumultuosa, — essas qualidades obtêm-se pela deparação gradual dos vinhos, pela separação dos residuos que naturalmente se formam (por meio de collagens e traçafegos) e, em 2.º lugar, pela reacção lenta entre os elementos essenciaes do proprio vinho, fóra das grandes variações do meio, sob a influencia d'uma temperatura mediana e constante e fóra da acção da luz.

Como este é um ponto fundamental para a formação dos bons vinhos de pasto, permita-me que eu ainda dê ás minhas ideias uma fórma mais saliente e talvez mais popular:

Ao provar um qualquer vinho todos distinguem as seguintes sensações:

- Uma impressão de ardor, de força, dada pelos alcooles;
- Uma impressão de doçura, dada pelo assucar e glicerina;
- Uma impressão de adstringencia, dada pelos tanninos e talvez por alguns acidões.

Segundo os vinhos, estas impressões recebem-se destacadas umas das outras, ou tem de distinguir-se mais ou menos difficilmente, dentro d'um todo de partes harmonicamente unidas.

Nos vinhos bem feitos, bem creados, bem educados, ha uma epocha em que esta harmonia apparece creada e se mantem, para mais tarde desaparecer com a edade. Os vinhos tem a sua edade adulta e a sua decrepitude.

Nos vinhos de pasto onde o alcool não deve nunca impressionar como um ardor, e o assucar e a glicerina devem apenas sentir-se como uma macieza, apressar o trabalho intimo que vem a produzir o vinho completo e feito, é, pela violencia, obstar á formação das substancias que estabelecem transição entre as impressões que enunmerei, e destruir a harmonia do todo.

Os vinhos portuguezes de pasto de 2 ou mais annos de edade actuaem sobre o paladar como feixes de ardores, de adstringencias, de acidões, como molhos de sensações angulosas, que umas após outras independentemente ferem o paladar, por haverem desappa-

recido, ou não se haverem formado, as maciezas, os aveludados que deviam fundir n'um todo esses sabores extremos.

Pelo contrario, nos bons vinhos de Bordex ou Borgonha, ha alguma coisa que faz passar suavemente d'umas para outras d'estas sensações.

Imaginemos uma orchestra unicamente constituida por contrabaixos de corda, clarinas e flautas: as notas gravissimas dos rabecões contrastariam violentamente com o estridor dos metais, e os sons tenues e de poucos harmonicos d'esses instrumentos de madeira.

Supponhamos uma pintura que tenha apenas expressas as sombras mais intensas e as luzes mais agudas, sem meias tintas, nem claro-escuro de transição.

São as massas de violinos, de violettas, de violoncellos, — são os segundos sopranos, os contraltos e os barytonos de todos os naipes de instrumentos da orchestra, — são essas atenuações entre as manchas de cor e as diferentes luzes da pintura, — que os vinhos de pasto perdem existindo e formando-se entre os accidentes de temperaturas excessivas, em vez de passarem os primeiros annos em caves ou adegas subterraneas de temperatura invariavel e sem luz.

E' que as caves são para os vinhos de pasto como que as escolas, os seminarios onde elles fazem a sua educação, onde recebem as necessarias lições de polidez social, onde estudam as suas humanidades, d'onde saem para assim dizer bachareis formados, adultos, maiores, para sem perigo correr mundo.

JAYME BATALHA REIS.



Jayme de Séguier

Addido commercial à legação portugueza em Paris

## LYRISMO

Nas tuas espessas tranças,  
entre os teus labios risonhos,  
aninham-se as esperanças,  
voltam doidos os sonhos.

Quando o teu olhar se expande  
en fico todo assemblado  
de caber alma tão grande  
em corpo tão delicado...

Nos grandes olhos profundos,  
fontes de casto esplendor,  
brillham dois astros, dois mundos,  
dois infantos de amor.

Lembram-me então os supplices  
dos velhos molhos acetos  
que resgavam nos ciliços  
as carnes febris, inquietas

Da tua mimosa pelle  
o colorido subtil  
é segredo do piano  
do livro Watesu — abril

e vem depois, de rastos,  
prostrados, os olhos fixos,  
poisar os seus labios castos  
no marfim dos crucifixos.

Tens os contornos suaves  
d'uma ballada allemã.  
Ao ver-te cantam as aves  
os lirios chamam-te irmã.

Assim concentro-me, penso  
nas angustias ignoradas,  
e sinto o extase immenso  
das almas despedaçadas.

1878

Jayme de Séguier.



# ARTISTAS BRASILEIROS



Quadro de Pedro Americo — FIM DE SECULO

# CHRONICA



inauguração do ascensor de Santa Justa, ao Carmo, em Lisboa, foi um dos successos nacionaes da ultima quinzena, o que não surpreenderia se reflectirnos que a população d'esta luminosa capital é das mais sensiveis ao prestigio dos progressos materiaes.

Os ascensores sobrevieram em Lisboa ha poucos annos, com o advento do feminismo, do *bric-à-brac* e das saias de sino, e tiveram desde logo o exito que era de esperar n'uma vasta povoação, construida no pendor de ingrimas montanhas. Eu sou anterior nos ascensores e recorde-me ainda hoje com fadiga das ascensões penosas a que os nossos coevos eram obrigados, quando deviam transportar-se á Estrella, ou á Graça, pelos dias torridos do estio lisboeta. Sofria-se. Por isso, pouca gente se deslocava, a não ser por festas e celebrações publicas, — o 24 de julho, ou a proclamação da Saude, — e da forçada immobillidade de uma população que não conhecia ainda o conforto das novas edificações e as conquistas da hygiene que vieram depois, resultava talvez o deperaueramento do individuo, os homens enfadados e as mulheres pallidas e rachiticas que constituíam o typo commum do habitante.

O ascensor foi o primeiro passo para a alma da reabilitação physica da população de Lisboa, a qual até então se reduzia a ser uma cidade que apodrecia ao sol.

O novo ascensor de Santa Justa vae ser certamente o ultimo que se construirá, mercê da viação electrica que põe toda a capital em rapida e brillante communicação.

Nenhum dos melhoramentos a que o tempo e a iniciativa dos homens vão submettendo esta cidade conseguem, contudo, fazer-nos esquecer o que ella foi nos seus dias de estacionamento e mediocridade. Em vão reconhecemos que ella se transforma e se torna bella. Por mais que alviões e enxadas apaguem os vestigios do que ella foi, é sempre e constantemente a velha Lisboa de nossos paes que nos apparece diante dos nossos olhos cerrados ás evidencias brillantes do dia de hoje.

Subamos a Avenida, no meio de uma multidão joven, que não é já do nosso tempo e se mostra feliz no quadro da capital que se aformoseia para lhe tornar accessivel uma existencia conforme as regras do bom-gosto.

— Aqui, por estas alturas, vae a gente pensando, era o Circo Price. — Ali, onde está aquelle grande predio de cinco andares, com as suas vidraças de crystal, veladas por discretos e finos transparentes de renda harmoniada, era o theatro do Salitre. — Aqui, onde se ergue esta construcção nova e luxuosa, começava a arida e tortosa azeitugada do Valle do Pereiro.

Passam n'um rodilhão, a todo o trote, ostentosos *landaus*, *cabs* envernizados como moveis de luxo, offigantes automoveis, fugazes bicycletas, cavalleiros, peões, mulheres como em Paris, depois das tardes clyseas do Bosque, arregayando as saias em pesados molhos, e a gente não cessa de dizer consigo, recalçitrante, obcecado e caturra. — N'outro tempo, isto aqui era tudo herva!

E era! Onde acabava o Passeio Publico, começava o Valle do Pereiro. Onde hoje rodam as bellas carruagens, trotam as parellhas de luxo, se exhibe e pavoneia uma população como nenhuma outra no mundo, optimista e *coquette*, era um campo de centeio, invadindo a cidade como um tapete fóra do seu logar.

Novas gerações, novos costumes, bairros novos, a hygiene, a litteratura, as viagens modificaram o typo da população feminina. — Viçosos e graciosas creaturas embalsamam Lisboa, se revestem de uma opulencia e de uma elegancia enoditas na tradição d'esta capital, outr'ora notavel pela fealdade e pela ausencia de ganho das suas mulheres. A' tarde, á hora do chá das cinco no *Rendez-vous* e no *Marques* é grato ao homem percorrer com uma vista erudita os lindos typos de belleza que se convocam n'esses recintos de galanteria e elegancia; mas — ai de nós! — estas mesmas evidencias de uma seducção tão frequente, não nos conquistam á Cidade Nova e ante o espectáculo de tanta bella mulher, apenas nos occorre exclamar com desanimio: — Como os tempos mudaram! quasi saudosos dos hediondos mostregos do nosso tempo.

Os systemas de viação tornaram-se maravilhosos: rapidos comboios abandonam a cada momento a cidade caminho dos arrebaldes, outr'ora desertos, hoje povoados; minuto a minuto passam ligeiros *trameays* enchendo o ar com o somido vibrante das suas campainhas de alarme. Agora está em obras a longa e velha rua de S. Bento e o que pensamos nós ao passar por ali? — Antigamente, subia-se isto de carro. Pagava-se tres vintens e marcava-se o logar na boleia, com um lenço... «Que tempos!»

O Campo Grande mudou de aspecto: parece uma vista de theatro, com a sua grande avenida, o seu parque, os seus *belvédères*, os seus lagos e as esmeraldas alamedas, onde brincam *babies* e onde perpassam veloces bicyclistas. — Antigamente não se ia ao Campo Grande. Era muito longe! O Estoril resplandecente como uma Biarritz, com os seus casinos, os seus hotéis e os seus ridentes chalets, *collages*, pavilhões, espreitando d'entre a verdura a placida bahia azul — não existia ainda. Era no nosso tempo, um monte erriçado de pinhas sombrios, por onde corria a estrada do Cascaes, entre trincheiras de barro. De Cascaes, onde hoje se toca Mendelshon e se joga o *tennis*, dizia o proloquio: «Uma vez e não mais!»

Lentamente, a Baixa vae-se transformando.

Já o edificio do Monte-Pio Geral deu o signal da nossa visualidade. O Credit Lyonnais acaba de fazer de um velho casarão um apparatoso e atrahente edificio. A casa Anjos tem um aspecto de banco Inglez.

Remodela-se d'alto a baixo, levantam-se andares, rasgam-se janellas, cobre-se sob uma nova *cauche* as grossas e snjas paredes contemporaneas do grande Pombal, que viram ainda o coroação de D. João VI, os soldados de Junot e os conspiradores de Zo. Certos predios ainda ha pouco leprosos como mendigos que vão envelhecendo ao vento e á chuva, tem escadarias luxuosas e vestibulos, d'onde magnificos *concierges* afastam os cães e os pretendentes. O camartello vae destruindo o que encontra vetusto e o Progresso, como uma fada de magia, vae, de varinha em punho, fazendo surgir do velho solo onde existiu Lisboa, no lixo do Tempo e da Historia, uma Lisboa nova que nós outros, sobreviventes de outro tempo, mal reconhecemos.

Mas a nossa commoção é nulla. Apenas experimentamos uma vaga surpresa, a que não é extranho o igualmente vago despeito.

Vagamente, tudo nos parece affectado, precipitado e impertinente, como o fausto de um *parenu* que tivesse tirado o pé do lodo e procurasse deslumbrar-nos com as suas estouvadas prodigalidades.

A Lisboa d'hoje, com os seus parques e as suas avenidas, os monumentos e palacios, o seu pequeno esplendor, o seu pequeno luxo e os seus requintes apressadamente adquiridos nos ultimos romances e nos ultimos jornaes de modas, é para nós, os sobreviventes da Lisboa d'hoje, um amigo que se enfatou e que perdemos.

João Chagas.



Scenas da rua

# Os ossos de Camões



Do á gentil amabilidade de Augusto de Castilho o prazer de ter lido, em grande parte e re lendo até final, a interessantíssima publicação, em que seu irmão mais velho, coherdeiro do appellido glorioso e herdeiro do titulo, pelo sublime poeta tão engrandecido, quiz fixar, para a historia litteraria e para a memoria das gerações por vir, todos os incidentes e minudencias d'aquelle cego, que tanto viu nas regiões brilhantes da phantasia, que tão assiduo operario foi do bem commum, e que, mal podendo escrever, n'umas garatujas quasi inintelligiveis, o seu nome, tanto escreveu para a posteridade e tanto engrandecou o brilho das letras patrias.

Poeta, erudito, investigador paciente das remotas eras e inspirado pelo santo respeito filial, não podia o auctor das *Memorias de Castilho* ter esquecido ou sequer deixado na penumbra o facto, muito honroso para a memoria de seu pae, de ter sido elle o iniciador dos trabalhos para a descoberta dos restos mortaes do sublime epico, d'aquelle

cuja lyra sonora  
Será mais afamada que ditosa.

Foi em 1835 que Antonio Feliciano de Castilho emprendeu a santa cruzada patriótica, dando-se começo, no anno immediato, aos trabalhos praticos de exploração, que os acontecimentos da revolução de setembro vieram interromper pelo longo espaço de dezotto annos!

Em 1854, formou-se nova commissão e fizeram-se novas tentativas, orientadas em sentido diverso das primeiras; e estabelecida a confusão na interpretação de textos e de descrições do local da sepultura, accetaram-se em 1880, por indicação de terceira commissão, uns ossos officiaes, que estão no pantheon dos Jeronimos e em que o actual visconde de Castilho suspeita não se encontrar sequer uma phalange de dolo minimo do poeta.

A trapalhada archeologica teve varias causas, que o narrador e commentador da vida de Castilho expõe com toda a nitidez e aprecia com muito rigorosos argumentos.

Que o poeta foi primitivamente enterrado no canto esquerdo da igreja de Sant'Anna, entrando, não ha duvida; que D. Gonçalo Coutinho, bastantes annos depois, lhe mandou pôr sobre a sepultura uma lapide, na qual se gravou o epitaphio de Martin Gonçalves, tambem parece incontestado.

Mas,—aqui começam as confusões,—foi trasladado o corpo para nova sepultura, quando D. Gonçalo, depois de difficilissimas pesquisas, o

descobriu? E se foi, qual a situação da nova campa no chão da igreja? E' quasi ao meio d'ella, como diz Faria e Sousa? E' no local onde se encontrou uma jazida ampla e vasta, mas sobre a qual se não achára, —nem se podia achar,—a lapide tumular com o epitaphio?

Estavam os investigadores de 1836 satisfeitos com esta descoberta e quasi convictos de haverem attingido a verdade, quando a descoberta dos escriptos de um compilador, pouco menos do que anonymo, um Diogo Moura de Sousa, de quem nunca ninguém ouvira falar, veio determinar nova orientação de opiniões na commissão de 1854, e tão profundo lhe foi o convencimento que o proprio Castilho não hesitou em modificar o seu primeiro parecer; embora ficasse então outra causa de incertezas, visto que a porta fronteira ao altar-mór fôra entaipada, e a entrada se fizera por uma porta lateral, alterando completamente a indicação do canto á esquerda, entrando; sem falar nos azulejos de Miguel Leitão de Andrade, os quaes, em todo o caso, não provam nada, porque se não podiam ter espertado a prumo no meio do tempo, e haviam forçosamente de se colar a uma parede, mais proxima ou mais afastada do sarcophago do poeta.

O terremoto de 1755, atirando com a abobada de Sant'Anna por cima do pavimento, mais veio confundir e complicar as ultimas pesquisas, não sendo para admirar que a lapide do epitaphio se escangalhasse, visto achar-se ao meio da igreja, assentar sobre um amplo vão, e supportar consequentemente a maior violencia da derrocada.

Ter-se-iam por acaso dispersado os ossos de Camões nas obras da reconstrução do templo? Seriam os que estavam na larga sepultura ao meio da igreja, em parte incluída no novo côro ou côro de baixo? Por mim confesso que nunca tinha pensado, sequer ao de leve, n'este, aliás importantíssimo, assumpto, e que, pela primeira vez a minha attenção foi despertada pela substanciosa e erudita leitura das *Memorias de Castilho*.

Mas logo um facto me impressionou deveras, e foi o de se haver seguido, em todas as pesquisas, o processo indirecto de reconhecimento do esqueleto, pelos dados archeologicos ou tradicionais da provavel sepultura, sem nunca se pensar no que o processo directo poderia ter dado.

Perdera Camões um olho em combate, sem que bem se saiba quando, nem onde, embora a mais seguda versão seja de que o acontecimento se deu em Africa, por isso que, n'uma das primeiras cartas escriptas da India, referindo-se a outrem com igual defecto, dizia: . . . *sicut et nos, manqueja de um olho*.

E' certo que, no registro da casa da India, segundo menciona Faria e Sousa, se encontrou o assentamento, em que se dá o nome, filiação, idade do poeta, e como signal caracteristico apenas o da barba ruiva; sem se falar na perda do olho; mas nem os registros policiaes eram tão perfectos como os de hoje, nem talvez um ferimento de guerra, em época em que tantos deveria haver, seria coisa para registrar especialmente.

Mas transiço com tudo. Em 1549 estava já o poeta em Lisboa, de regresso d'Africa; e a 1550 se refere o assento, acima mencionado, e se não partiu para a India n'esse anno, veio a partir em 1553, sendo a primeira das cartas escriptas d'alli a tal, em que se refere á perda do olho, como a coisa já conhecida e sabida do destinatario.



O ultimo retrato de Augusto Severo

O mallogrado aeronauta está acompanhado de sua esposa, cunhada e filhos e dos srs. Hypolito Centeno, Xavier de Carvalho, Alberto de Sousa, Engenheiro brasileiro Reis, etc.

Na canção XI, diz elle:

«Agora experimentando a furia rara  
De Marie, que nos olhos quiz que logo  
Visse e loasse o socror fructo seu  
E n'este socror meu  
A pintura verio do infesto fogo.»

Quer dizer: Pela ordem chronologica dos acontecimentos, que vae narrando, n'esta poetica auto-biographia, e no *logo*, que vem como que a affirmar ter sido o desastre nas primeiras batalhas onde pelejou, se infere que, se o ferimento não foi em Ceuta, foi nos primeiros annos da residencia na India.

Antes de 1550 ou depois de 1553, mas muito proximo de qualquer d'estas datas um pelouro de arcaubuz lhe vasou o olho; e como o grande epico veiu a morrer em 1580, segue-se que vinte cinco, trinta ou mais annos sobreviveu á egueira, que occorreu em plena virilidade, quando as funcões vitaes são activissimas e os processos de nutrição e reparação em pleno vigor.

Sendo assim, a natureza cuidadosamente havia de ir obturando e enchendo o vazio que ficara na cavidade orbitaria, e como o material de que melhor dispunha para isso era o tecido osseo, natural e necessariamente, depois de tão longo periodo, em que a orbita esteve viuva do seu habitador, a cavidade havia de se ter estreitado e apertado, de modo a não ser symmetrica com a outra.

O ferimento vasára apenas o olho, offendendo só os tecidos molles, ou causára damno maior ou menor na arcada? N'esta hypothese, possivel, ainda mais indicios havia, para discriminar de qualquer outro o craneo, onde se alojou o mais estupendo cerebro portuguez; mas ainda quando faltassem nestes indicios exteriores, o que não podia faltar era a asymetria das cavidades orbitarias.

Mas de que olho egou Camões?

Todos os biographos e os mais authenticos retratos affirmam ter sido o olho direito que elle perdeu, e por isso não é sem motivo de reparo que, no poema de Garrett, se lê na edição de 1821:

«A balla revolou — e já sem força,  
Leve aqui me feriu na destra face,

E fria aos pés me cae»

«Leve ferida  
Dizeis vós, que um dos olhos!...» «Que vale isso

Para salvar um pae. Dous nos ha dado  
Liberal natureza.»

ou, com a variante na ultima edição revista pelo auctor em 1854 e em todas as posthumas:

— «Leve ferida  
Que um dos olhos — «Oh dous nos ha dado  
Liberal natureza — Que vale isso!  
Salvei meu pae!»

E tanto n'uma, como n'outra, e creio que em todas as edições intermediarias, este trecho é precedido da chamada de nota, onde apenas se lê: *Historico*.

A destra face? Foi o ferimento effectivamente na face esquerda e, por um d'aquelles caprichosos effectos das balas esphericas, iria vasar o olho direito?

Caso seria para averiguar que não sei donde Garrett foi buscar a auctoridade historica da narrativa, e embora não tenha elementos para a considerar rigorosamente verdadeira em todos os pontos, tambem não posso erer que o insigne poeta phantasiasse o episodio e o sustentasse como indiscutivel por mais de um quarto de seculo.

E' provavel que esta apparente divergencia entre os biographos e Garrett esteja explicada já e devidamente commentada. Eu só que não sei como, com que argumentos, nem por quem.

Mas, para não acrescentar confusões, accete-se como indistinctivel, que o olho direito era o perdido e consequentemente a respectiva orbita devia ser mais apertada.

Um olhar experiente e habituado poderia ter, na caveira ou entre as caveiras exhumadas na egreja de Sant'Anna, reconhecido a de Camões, apesar dos estragos de duzentos e cincoenta ou trescentos annos debaixo da terra e das possiveis violencias da derrocada do 1755.

Haveria um perigo apenas. A do templo ter sido, coeva ou quasi coevamente, sepultura de outro egreo; mas além de se poder considerar como de extraordinario azar tanta confusão e tal coincidência, tambem não é muito provavel que entre dois craneos, postos em concurso e confronto, o estudo não dêsse qual o que devia pertencer ao maior talento da nossa patria.

Bem sei que nem sempre os craneos dos grandes homens se distinguem exteriormente, que nem sempre na caixa ossa ha os estygmata do talento ou do genio, e que ás vezes nem sequer os cerebros offerecem coisa de notavel; mas por Deus! entre o craneo de Camões e o de um possivel sapateiro ego de um olho, está-me o instinto a dizer que não podia haver confusão.

Achado o craneo, nos ossos mais circumvisinhos estaria o esqueleto completo, e os lentes de anatomia das tres escolas, e os respectivos preparadores de osteologia, com trabalho persistente e perseverante, o iriam completando com todas as suas peças ou pelo menos com as principaes.

Forno a dizer que o processo, facilimo para um esqueleto de recente inhumação, tem serias difficuldades, quando se trata de ossos enterrados ha tres seculos; mas tambem reconheço que elle não podia trazer mais confusão que a determinada pelo criterio da pesquisa das sepulturas.

E se se não encontrasse nem um só craneo em que as cavidades

orbitarias fossem deseguesas? Poderia confirmar-se a suspeita de que os ossos do grande epico tinham sido roubados, como alguém aventou?

O que era tudo isso, em face de que pelo canto esquerdo e pela metade da egreja, pelo Mouro e pelo Faria juraram e trejuraram tantos homens illustrados, chegando-se á deploravel conclusão de haver uns ossos com o carimbo official, de cuja authenticidade é lícito duvidar?

A archeologia eurdon-se e confundiu-se, a osteologia poderia talvez ter visto alguma coisa mais claro no assumpto, mas ninguém a chamou a depór!

A. M. DA CUNHA BELLEM.

A boa industria é supplemento da Omnipotencia; e o que fez Deus por todo poderoso, fazem os homens por mui industriosos.

PADEE ANTONIO VIEIRA.

Não deve ser a mulher escolhida pelos anneis que tem nos dedos, nem pela grapa que tem nos olhos, como os mais dos homens costumam; que isso é inquirir de suas riquezas e não de seus procedimentos.

DIOGO DE PAIVA.

A tristeza é a essencia do pensamento, mas só nos grandes espiritos, como a amargura é a essencia das aguas, mas só no grande Oceano.

PINHEIRO CHAGAS.

A bondade só é comprehendida pela grandes almas.



Typo de belleza

# Artistas portuguezes no Brasil

## AS NOSSAS GRAYURAS



Ferreira Estudante  
Bandarilheiro

consulados em Inglaterra, é hoje addido commercial á legação em Londres, cargo para que foi escolhido, pela superior intelligencia e inextinguível zelo com que se tem occupado de todas as questões economicas que interessam a nosso país Agronomo e depois consul, a questão do desenvolvimento da nossa exportação vinicola tem-o preoccupado sempre. D'ahi, a curiosidade com que foi ouvida a sua ultima conferencia na sala da Associação Commercial de Lisboa, conferencia da qual elle teve a gentileza de nos proporcionar ensino para darmos aos leitores do *Brasil-Portugal* uma *primeur*. Orador fluentissimo, de palavra elegante e espirituosa, o sr Bataha Reis é um conferente eximio, que Lisboa admira, ha muito, dos bancos das escolas superiores onde se revelou sempre estudante de rara sagacidade e eloquencia. Foi elle um dos oradores inscriptos para as conferencias do Casino, em 1871, que o

**Conselheiro Neves Ferreira.** — A morte inesperada d'este antigo ministro d'Estado, que foi uma das figuras mais salientes tanto da nossa marinha de guerra como da nossa administração ultramarina, causou em todo o país, um grande sentimento. Ia elle agora em viagem, para Loanda, como director da Companhia do Cazengo, e tencionava aguardar no Funchal, onde a morte o fulminou, o vapor *Ambaca* que o devia conduzir a Africa. Succumbiu a um *antraz*. Tinha o posto de capitão de mar e guerra. Commandou a canhoneira *Tejo* durante o bombardeamento de *Catala* em 1884, governou varios districtos africanos, foi governador civil do Porto, em 1892, e ministro da marinha em 93. Tinha 55 annos, e deixa viuva e quatro filhos.

**Jayme Bataha Reis.** — Antigo consul de primeira classe, tendo occupado com distincção varios

governo presidido pelo então marquês d'Avila e Bolama suspenso.

Em Londres, na Sociedade de Geographia e em outros institutos scientificos tem realisado varias conferencias sobre as nossas cousas africanas e ainda recentemente uma sobre Victor Hugo.

**Jayme de Siquier.** — Outro Jayme, outro addido commercial, e outro talento robustissimo. Também antigo consul em Bordeaux onde prestou serviços notaveis ao seu país, foi com Bataha Reis escolhido para os dois unicos lugares de addidos commerciaes, creados na ultima reforma pelo actual ministro dos estrangeiros. É um poeta inspirado e um jornalista brilhantissimo, muito conhecido hoje no Brasil como chronista litterario. D'elle são esses

versos, arrancados a um livro que em 1893 dedicou a seu avô, o grande jornalista Antonio Rodrigues Sampaio.

**Pim de Seculo.** — É um dos quadros mais notaveis d'esse grande pintor Pedro Americo que é a um tempo gloria da arte brasileira, e honra da arte nacional.

**Scenas da rua.** — Em flagrante, apanhadas pelo lapis inspirado de *Loz*, essas duas figurinhas lá vão, uma atrás da outra, na eterna questão. Parece um instantaneo, tal é a verdade da concepção do desenhador.

**Augusto Severo.** — O grupo que reproduzimos hoje é o ultimo tirado pelo mallogrado aeronauta em Paris. Vêem-se n'elle todas as pessoas de familia que o acompanharam a França e alguns amigos intimos e dos seus mais entusiasticos admiradores.

**Typo de belleza.** — Ella, realmente bella, espreitando-nos envolta gentilmente na gaze do seu veu branco.

**Toureiros no Brasil.** — Com Fernando de Oliveira, cavalleiro tauromachico seguiram viagem para o Rio de Janeiro, os toureiros cavalleiro Macedo e bandarilheiros Jorge Cadete, Manuel dos Santos e Ferreira Estudante que vão fazer uma *tournee* artistica pelo Brasil.

**Real Academia de Amadores de Musica.** — Homenagem justa presta hoje o *Brasil-Portugal* a essa sociedade artistica que tão alto tem levantado o gosto musical no nosso país. A sua orchestra, das meloares do país, é constituída por senhoras e cavalleiros de varias classes em que se divide a sociedade e n'ella reunidos todos pela arte, sem invejas, e sem preconceitos. El Rei D. Luiz foi o seu presidente honorario, e hoje o segundo é seu Augusto filho, actual monarcha.

**Quem o feio ama... o dinheiro lhe apparece.** — É um conto mudo, deliciosa *charge* bem eloquente, aos costumes sociees de hoje. Firma-o *Loz* cuja apresentação está feita já e cuja collaboraçao artistica tem sido admirada em numeros consecutivos d'esta revista.



Fernando de Oliveira  
Cavalleiro tauromachico



Jorge Cadete  
Bandarilheiro



Manuel dos Santos  
Bandarilheiro



Eduardo Lopes de Macedo  
Cavalleiro tauromachico





# Real Academia de Amadores de Musica



Com mais de 18 annos de existencia, tendo atravessado periodos de adversidade, um dos quaes se julgou por algum tempo insuperavel, a Real Academia de amadores de musica prova por fórma cabal quanto podem o zelo e empenho de meia duzia de homens que quasi desde a sua fundação lhe prestam constantemente os seus desinteressados serviços. São esses os cavalheiros que têm constituído as direcções da Academia, quasi sempre os mesmos, com o que muito lucrrou sempre e está lucrando a existencia d'esta sociedade.

E' assim, conservando-se a tradição, que as administrações prosperam e não com successivas substituições dos dirigentes, que só fazem com que se perca a unidade de processos administrativos, indispensavel ao progredimento de qualquer instituição.

Os serviços, que a real Academia tem prestado á criação e desenvolvimento de avultado nucleo de executantes amadores, — alguns dos quaes já alcançaram fóros de profissionais, tal é a excellencia da sua execução, — são evidentissimos e estão no animo de todos que se interessam entre nós pelos assumptos musicaes. Quando muitos outros serviços se lhe não devessem, taes como os demonstram os 107 concertos até hoje realísados, bastaria a educação ministrada a centenares de alumnos, entre os quaes Alice Dias da Silva, Cecil Mackoe, Ferreira da Silva, Raul da Silva Pereira, Antonio Joyce e tantos outros têm honrado brilhantemente no paiz e em terras extranhas o instituto, onde receberam a sua educação.

A escola de violino, a que a assignalada competencia do chorado Victor Hussia deu tão valioso incremento e a que hoje preside o notavel saber de André Goñi, é uma pagina de gloria na historia da Real Academia. Ainda no concerto de 11 do mez passado o publico numerosissimo, que enchia o salão "Portugal", da Sociedade de Geographia, teve occasião de admirar e applaudir os importantes progressos dos alumnos d'esta escola.

E todos estes serviços tem prestado a Real Academia sem outros auxilios materias além das quotas dos seus associados e da importancia, bastante modica, das matriculas e mensalidades das suas



**LL-REI D. LUIZ I**

1.º Presidente Honorario da Academia  
† em 19 de outubro de 1889

## Os professores da Real Academia de Amadores de Musica



**Augusto Gomes**  
(Aula de rabeca)

**Ernesto Vieira**  
(Rudimento, harmonia e flauta)

**Ernani Braga**  
(Piano e curso superior)

**Eugenio Costa**  
(Piano e curso elemental)

**André Goni**  
(Rabeca e curso superior)

**D. Alice Dias da Silva**  
(Rabeca)

**João Evangelista da Canha e Silva**  
(Violoncello)

# Real Academia dos Amadores de Musica

aulas, inteiramente ao alcance das mais modestas bolsas. E com esses elementos apenas tem congregado no seu pessoal docente as figuras mais distintas do nosso meio musical.

Dissémos auxilios materiaes, por na realidade só dos citados dispõe, mas é justo dizer-se que protecção moral decisiva e eficaz tem-na recebido a Academia constantemente, contando



**Pedro de Oliveira Pires**  
1.º Secretario



**Duque de Loulé**  
Presidente da assembleia geral



**João Dantas**  
2.º Secretario

entre os seus protectores mais desvelados Suas Magestades El-Rei D. Luiz e D. Carlos e Suas Magestades as Rainhas as quaes se dignaram conceder ainda ultimamente a Academia uma assis-

de Paris, mas advertira-lhe que se devia casar para *envelhecer dez annos*. Junot meditou na advertencia e principiou a cortejar Laura Fermon, que, se não era uma formosura arrebatadora — porque tinha o nariz um pouco comprido e a voz grossa, — possuía, ainda assim, um conjunto de qualidades, que lhe assignalaram um lugar invejavel no circulo feminino da corte napoleonica. Thiebault traçou-lhe o retrato, logo depois do casamento: — "E' impossivel imaginar nada de mais bonito, de mais vivo, de mais amavel, de mais saliente, do que essa menina vestida com uma elegancia, uma frescura, que quadram perfectamente com o coquetismo e o luxo, que a natureza empre gara para formal-a. Era encantadora." (2)

gnalada prova da sua benevolencia prestando-se a entregar por suas mãos na ultima sessão solemne os diplomas aos alumnos premiados.

Contando com a altissima protecção da familia real, com o zelo incansavel dos seus corpos gerentes e de todo o pessoal educativo, e ainda com o de alguns amigos (o menos valiosos dos quaes subcreve estas poucas linhas) a Real Academia de amadores de musica tem assegurado longo futuro e decerto tanto ou mais brilhante ainda do que o seu passado de 18 annos, que faz d'ella a mais antiga instituição d'esta indole em Portugal.

P. DE OLIVEIRA PIRES.

Josephina Bonaparte, que contrariava este matrimonio, usou de estratagemas para o impedir, mas baldou o seu empenho, porque Junot e a menina Fermon acabaram por se submeter à lei gothica do casamento. *Madame Junot* tornou-se o arbitro das elegancias, teve na mão o sceptro directorial do bom tom, foi arrastada no turbilhão de prazeres da corte consular, entrou em todas as festas, em todos os bailes, em todas as reuniões, onde se revelou superior à craveira commum das palradoras *salonnieres*, mercê do seu espirito altivo, da variedade dos seus conhecimentos, e das prendas raras de reflectir antes de fallar, de não fallar sem ter que dizer, e de só dizer o que queria.

## O ministro general Lannes e o embaixador general Junot

II

Com a elevação da enviatura portugueza em Paris a embaixada, tambem a legação franceza em Lisboa foi elevada a igual categoria. Por decreto do 4 *pluviose* do anno 13 (23 de janeiro de 1805) o coronel-general Junot foi nomeado embaixador em Lisboa, e Mr. de Rayneval, secretario da legação em S. Petersburgo e mancebo de 25 annos, foi nomeado seu secretario. (1) Junot acceitou com constrangimento o *vir dormir a sêsta em Portugal*, segundo a sua propria expressão, onde a corte era *uma verdadeira casa sem rei nem roque*, segundo a expressão de Lannes.

Antes de nos occuparmos da sua estada em Lisboa, diremos algumas palavras a respeito do novo embaixador e de sua mulher, a futura duquesa de Abrantes. *Madame Junot* era filha de *Mada-*



**André Gosi**  
O actual regente da orchestra



**Philippe Duarte**  
O 1.º regente da orchestra



**Victor Hussla**  
O 2.º regente da orchestra

mais tarde, no theatrinho do conde Julio de Castellane, — e teve a honra de ser mimoseada com alguns ataques gaigantes de Napoleão. Mas deixaremos em silencio este episodio amoroso, para dizer que a companhia Junot quando embaixador em Lisboa — onde elle aprendeu portuguez, — mas que o não pôde acompanhar na primeira invasão de Portugal, onde o imperador mandou para to-

# Real Academia dos Amadores de Musica



**D. Fernando Luiz de Souza Coutinho**  
Presidente da Direcção



**Domingos de Oliveira Gais**  
Secretario



**Antonio Vicente Searnicchia**  
Thesoureiro

mar uma lição de etiqueta, como diz o general Thiard. N'esta epoca, Madame Junot recebeu cartas anonymas avisando-a das barrequeias de seu marido, não só com a condessa da Ega, mas tambem com Madame Foy (3), porque o grandiloquente marido d'esta ultima fechava os olhos aos dialates da esposa a troco das charlateiras do general. (4) Madame Junot estomagou-se com a felonias, e, em vez de indugiencia as escapatorias do seu consorte, pagou-lhe na mesma moeda, dando alguns golpes de canivete no contrato matrimonial de concerto com Metternich, primeiro, e com Mr. Comarmon, depois, o que, sabido mais tarde por Junot, o infernou de ciúmes e o determinou a queixar-se ao soberano, que evangelicamente lhe recommendou prudencia e esquecimento. (5)

Madame Junot, já aristocratisada com a coroa ducal, seguiu seu marido a Hespanha, acompanhando o até Ciudad-Rodrigo.

Masena, que viajava com uma amante vestida de tenente de dragões — no que parodiava o principe Luiz de Rohan, que, no tempo de Luiz XV, passejava de coche com a amante disfarçada em abade — quiz alajar-se no palacio de Carlos V em Valladolid, occupado pelos conjuges Junot. Ofrascario Masena nunca perdoou a Junot as peripicias ultra comicas, que então se deram, e a figura algo ridicula, que o obrigou a representar. (6) Retornando a Paris, a duquesa de Abrantes reabriu o seu salão, onde se agremiava o beijinho dos artistas e homens de letras, e que, sob a Restauração, recebeu a nata da litteratura e

da arte. Balseac apaixonou-se por ella, pintou-a, sob o nome de Madame d'Aiglemont no romance *La Femme de trente ans*, deu alguns dos seus traços á Lady Dudley de *Le lys dans la vallée* e á Madame de Beaussant no *La femme abandonnée*, e prestou a La Palférine — um dos heroes do mesmo romancista — muitas feições que pertenciam ao filho mais velho da duquesa, Napoleão de Abrantes, um typo apontadissimo entre a bohemia doirada do tempo de Luis Philippe, um *blagueur* original que mereceu um capitulo interessante no livro de recordações de Théodore de Banville. (7) Outro filho dos Junots, Alfredo de Abrantes, morreu na batalha de Solferino em 1859; e as duas filhas, tornadas *Meadames* Amet e Aubert pelos respectivos casamentos, distinguiram-se pela arte superior de saherem pendurar as suas chronicas no prego da actualidade das folhas boulevardieiras, e mereceram elogios de Luis Blanc e de Ville-messant. Os mais salientes traços de caracter da duquesa de Abrantes eram a coragem e a prodigalidade. Administrava o seu

dinheiro como a grã-duquesa de Gerolstein administrava o seu grã-ducado. A sua habitação teve a mais rica mobilia de Paris, as suas joias valiam um milhão e meio de francos, as suas despezas diarias orçavam por dois mil francos, a sua conta de agulhas e alfinetes no armazem *La mire de famille* attingiu a cifra incrível de dez mil francos, as suas *toilettes* importavam em duzentos mil francos annualmente. A sorte iniquissima quebrou a corda da esperanza no coração da duquesa de Abrantes, e foi compellida a lançar mão da penna para viver, até que morreu, victima de uma decomposição do sangue, em 1838, n'um quarto da *rue des Batilles*, em Paris.

E' sufficientemente conhecido o papel, que distribuiram a Junot na

epopeia napoleonica e o que representou no nosso paiz, onde o seu nome e a memoria das suas façanhas subsistiram na tradição oral. A cerca de Junot tem-se formulado juizes contradictorios. O preconceito geral e a reputação que elle deixou entre nós não fazem concordancia com a opinião que a duquesa de Abrantes manifestou a seu respeito. Temos, porém, de acceptar, até certo ponto, a opinião da duquesa, porque ninguém melhor do que uma mulher pôde conhecer seu marido. Junot, escreveu ella, juntava a uma imaginação brilhante e creadora um espirito fino e muito prompto em apprehender o desconhecido. Apprendia tudo com uma rapidez inacreditavel. Fazia bonitos versos facilmente, representava a comedia com um talento inteiramente notavel, e escrevia á maravilha. Ao lêr as suas cartas, poder-se-ia dizer que o seu coração tinha espirito. (8)

Sobre o que não ha duvida, é que elle era um impulsivo, e mais escravo das suas coleras, dos seus caprichos e dos seus sentidos, que dos seus deveres. D'ahi promanam as inconsequencias e os desequilibrios, que se notam em toda a sua vida. Possuindo bravura fóra do vulgar, jámais tremeu ante o perigo, e, um pouco por indole, um pouco por basofia, até o procurava, no duplo intuito de fazer praça de exemplos e de se fazer admirar pelos seus subordinados. D'ahi proveem as gloriosas cicatrizes que lhe costuravam a cabeça esmeçada, o glivaz da frente á bocca, e o tratamento de *senhor sabredor*, que Napoleão lhe dava.

Estouvado, voluvel, mas bom coração, mais fiel aos seus amigos do que á sua mulher, coacto á tyrannia nervosa do seu temperamento inflammavel, desabuso de costumes — o que era peculiar ao seu tempo —, colérico e impetuoso como uma creança, prague-



**João Antonio Pinto**  
Vogal



**Alfredo Corrêa**  
Vogal



**Henrique Sauvinet**  
Presidente do Conselho Fiscal



**Agostinho da Silva Franco**  
Secretario

# Real Academia dos Amadores de Musica



Um grupo de alumnas distintas.

D. Eugenia Braulto Cespo, D. Margarida Casais de la Rosa, D. Josephina G. da Silva Pereira, D. Bertha Coelho de Campos, D. Esther Coelho de Campos,  
D. Luiza Coelho de Campos, D. Alice G. Freire da Veiga,  
D. Camilla Casais de la Rosa, D. Elesteria Casais de la Rosa, D. Amélia da Conceição Jacques



Na aula de rudimentos — Os alumnos e o seu professor

## Real Academia de Amadores de Musica

Antonio Avelino Joyce.  
Agostinho da Silva Franco.  
Claudio de Oliveira Gomes.  
Augusto de Oliveira Gomes.  
Henrique Sauvinet.  
Carlos Alberto Ribeiro de Carvalho.  
José Ricardo de Sant'hiago.  
Mário Pereira.  
Mathews Augusto da Silva Ferreira.  
Cezar Mirás.  
Manoel Nunes da Silva.  
Claudio Pinto Soares e Silva.  
Augusto Vianna de Moraes.  
Carlos Estevão de Sá.  
Victor Amadeu da Cunha e Silva.  
Antonio José do Nascimento Mendes.  
D. Esther Coelho de Campos.  
Rodolpho Thomasiuz.  
D. Beatriz Sá Vianna Brandão.  
Ignacio Pereira de Lacerda.  
D. Margarida Casais de la Rosa.  
G. Zickermann.  
Achilles Fontana.  
Carlos Emílio de Sá.  
Adriano de Castro.  
Domingos de Oliveira Gaia.  
Alfredo Borges da Silva.  
Arthur da Fonseca.  
José da Costa Carneiro.  
Henrique Julio Vianna Ruas.  
D. Isabel R. da Silva Casqueiro.  
D. Clotilde Sá Vianna Brandão.  
D. Eleuteria Casais de la Rosa.  
D. Beatriz Perry da Camara.  
Carlos Augusto Sarmiento.  
D. Alice Dias da Silva.  
D. Fernando L. de Sousa Coutinho.  
D. Philomena Cabral da Rocha.  
Maestro D. Andrés Goni.  
D. Camilla Casais de la Rosa.  
Ricardo Cossou.  
Alexandre Severo Coelho Fortes.  
D. Maria Domingas de Sousa Coutinho.  
João Antonio Pinto.  
D. Amelia Adelaide Dias da Silva.  
Dr. Manoel Ferreira Cardoso.  
Henrique José da Silva.  
Liberato Sá Vianna Brandão.  
Alberto Carlos Ferreira.  
D. Luiza Coelho de Campos.  
D. Eugenia Brandão Crespo.  
Mário Martins Costa.  
José Maria de Oliveira Ferreira.



A Orchestra

ador como Henrique IV, affectando — por suas prodigalidades á Richelieu — as maneiras dos grão-senhores do antigo regimen, Junot ascendeu velozissimamente a general, mas parecia ter ficado sargento. Tinha por vazo bater nos creados, e a vez correu a tacho de bilhar os moços do café Tortoni. Era grande ganhão de fêmeaço, especialmente de dansarinas. E' fartamente conhecido o *sport extra-conjugal* a que se entregou em Lisboa — de 1807 a 1808 — com a condessa da Ega e com Madame Foy, mulher do coronel Foy, o brilhantissimo orador da Restauração. Madame Foy, creatura graciosa e coquette, tinha um bello tipo de loira, de nariz arrebitado, *iris Rozelane*, sabia a cavallo com Junot e era uma amazona audaciosissima, que saltava barreiras, disparando simultaneamente as duas pistolas que empunhava. Deram brado as pandeiras de dois e tres dias que Junot celebrou na Quinta do Iamalhão, de parceria com esta franceza e a condessa da Ega, D. Maria de Noronha, as bailarinas de S. Carlos, e outros *sensitivos diabolos*, *diabolos*, para empregarmos a phrase de João dos Santos, almoxarife do Iamalhão. Conta-se que, nos dez mezes que esteve em Lisboa, gastou trezentos mil francos com as amantes. (9) Quando este *casse-cours* retirou da nossa capital, houve uma gazeta ingleza, que inseriu o seguinte echo: — "Tivemos a felicidade de restituir á França um dos bravos generaes do exercito do Corso. Mas não va sóstima o poder de um vencedor, e mais uma vez que o vencedor não colheu os seus costumes. O seu sarrailh é mais numeroso ainda que em 1801. Madame Foy e a condessa da Ega occupam n'elle o primeiro lugar. (10) Segundo concuivillavam algumas folhas britannicas, elle mantinha aqui amores carnaes com tres mulheres, ao mesmo tempo e na mesma casa — *a lustful and not spiritual love for three*. (11)

No seu regresso de Portugal, Junot apresentou uma figurante de um theatro francez, com mil juizes de oiro: (12) e quando foi com a sua esposa para a galopada de hespanha, fez a primeira detença em Bordões, mas não tão breve que não podesse visitar certa actriz, a quem gratificou com doze mil francos. (13) Junot tinha imitadores n'estas bizarrarias, por quem lambem Murat, quando visitava Madame Michel, que foi, por muito tempo, sua amante em Madrid, dava sempre quinhentos francos de gorgeta ao creado, que lhe vinha abrir a porta.

Se, com frequencia, Junot misturava a brutalidade á galanteria, deve se precisamente endossar a responsabilidade do facto aos costumes militares coetaneos e á etherisacao alcoolica, de que elle abusava. Junot possuia uma sensibilidade antes morbida que delicada, a sensibilidade dos homens que abusam do seu systema nervoso. Mostrou sempre não escasso pendor para a batota. Thiebault fala de uma partida de jogo de cartas, em que Junot perdeu com um francez Além d'isso, jogava o bilhar com a superioridade de Chamillard — o ministro de Luiz XIV —, no que encontrava motivo para se envidacear tanto como com os seus triumphos de favorito da sorte. Outra pretensão sua era a de que dansava correctissimamente. Mas uma escriptora contemporanea, que o conheceu bem, declara que elle nunca justificou satisfatoriamente tal pretensão. (14) De resto, a mania dansante corria parelhias com a mania da jogatina, que lavrava entre os officiaes imperialistas; os quaes, no dizer de Marbot, tinham, todo o dia, as cartas ou os dados na mão.

Junot sabia portar-se cavalheirescamente nos salões. Alto e bem torneado, apumado e de exterior agradável, fazia valer, com certa affectação, o seu tallão esbello, as suas pernas elegantes cingidas pelos calções de *hussard*, e as vantagens naturaes que o exornavam. Um allemão, que residiu em França sob o Consulado e que o viu em casa de Madame Récamier, notou a simplicidade do seu traje de paizano — de casaca azul e de collete e calções escuros — no meio das mais delusibrantes *toilettes* do *Tout-Paris*. (15) Junot adornava-se de outras prendas recommendaveis: esgrimia como Bondy e atirava á pistola como Fournier e Delmas. A sua educação litteraria, porém, deixava muito a desejar. Não obstante, pretendia ter noções de litteratura, de arte theatral e de musica, e — posto que a asseveração discorde da tradição — os memorialistas affirmam que tinha espirito, ditos picantes. Assim, as Memorias de Madame de Rémusat attribuem-lhe a seguinte anedota: estando n'um sarru em casa de Madame Récamier, na occasião em que um Montmorency questionava com elle a respeito do nobreza e de antepassados, Junot replicou-lhe: — "A differença que ha entre nós ambos, senhor, é que você tende antepassados, e nós, nós somos antepassados."

A maior parte dos seus conhecimentos foram hauidros no theatro, onde ia todas as noites, e no convívio com alguns camaradas distinctos, por exemplo Marmont e Duroc, de quem copiou as maneiras. Como já vimos, a duquesa de Abrantes dota-o com faculdades poeticas e refere que, depois de Junot haver perdido algumas partidas de xadrez com a rainha Hortensia — então simples *Made-moiselle* de Beaucharnais — escrevera esta quadra sobre o taboleiro do jogo:

*Dans ce beau jeu je vois l'emblème  
De tout ce que vous inspirez:  
Pou celui qui dira: l'aimé!  
Pou celui qui vous aimez!* (16)

Por occasião de celebrar o dia do santo de sua mulher na propria do Petit-Bière, mandou reproduzir a seguinte quadra n'um pavilhão em que a duquesa creava raios:

*Quand ma Laure vient visiter  
Ses amoureuses tourterelles,  
C'est pour leur apprendre d'aimer  
L'art charmant qu'elle sait mieux qu'elles.* (17)

Dissémos anteriormente que Junot pagava, com usura, o seu

tributo ao deus Baccho. Quando exercitou o governo da Illyria, deu um jantar, em que fez servir, além de variadissimas licores incendiarios, um frasco de ether sulphurico, que todos os convivas obstinadamente recusaram, mas de que elle encheu um copo, que emborcou de um só trago. (18) Mas os granzos na aza não lhe perturbavam apparentemente a razão, e antes pareciam communicar-lhe o enthusiasmo da mocidade e o tornavam quasi eloquentemente discursivo, o que tinha sempre por fito uma illimitada admiração pelo imperador.

Os excessos de todo o genero a que se entregou esticaram, por demais, a corda do seu espirito, que acabou por estalar. Depois de commetter varios actos de demencia, Junot foi substituido no governo illyrio pelo duque de Otranto (Fouvard) e regressou a França, onde, estando em tratamento em Fontenay-le-Comte, a 20 de maio, se atirou de uma janella para a rua, expirando em 29 de Julho de 1813. Força, porém, é confessar, que Junot, por seus estudos perfunctorios, por sua educação tacinha, pela vehemencia hyperbolica do seu temperamento, por seu caracter versatile, por determinismo biologico, emfim, não estava á altura das arduas missões de que o incumbiram.

Já dissémos que Junot accellou com constrangimento o logar de embaixador junto á cõrte de Lisboa. Como possuia, em grau desenvolvido, a bossa da combatividade, o seu desejo não era pavonear-se nos salões, mas engolhar-se na voluptuosidade vermelha das batalhas. Por esse motivo ouviu previamente o conselho de Cambacérès, archi-chancellor do Imperio, que lhe disse apenas: "E' preciso obedecer a Sua Magestade, E Junot obedeceu, sem clausula, porém, com o que imperador o chamava *l'homme à la pata*, ou Junot, sua mulher e sua filha — vestida de rapaz — abandonaram Paris á meia-noite de terça-feira gorda, de 1805. N'aquelle tempo, as viagens eram penosas, e os tres viajantes gastaram doze dias até Bordões. Chegando a Bayonna, Junot encontrou ordens formaes do imperador, e, em virtude d'ellas, partiu de róta batida para Madrid, emquanto sua mulher seguia viagem mais vagarosamente e sob a guarda dos secretarios de Estado. Chegou a Lisboa, e ali ficou o capitão hespanholo, onde foi recebida pelo marido e pelo general Beurnonville, embaixador francez, e onde se alojou no palacetto do principe Alfonso Pignatelli. Passados dias, era recebida em audiencia particular pela familia real hespanhola em Aranjuez, e d'esta audiência conservou Madame Junot as melhores recordações. Tanto assim que, quando os soberanos hespanhoes foram internados em França, em 1808, ella recommendou a Lisboa a memoria de Junot, com o que imperador o chamava *l'homme à la pata*, ou Junot, sua mulher e sua filha — vestida de rapaz — e de seus desditas.

Madame Junot não teve grande descaço em Madrid, porque recommendava a viagem em 29 de Março, entrando em Aldegalga, na quinta-feira de Endoenças ás quatro horas da tarde. No dia immediato, uma galeota e um escaualo partiram a Lisboa, e memoria da galeota, embandeirada com o nome de Junot, sua mulher, sua filha e o general, o primeiro secretario Rayneval, Mr. Lagard de Cherval, o coronel Laborde, primeiro ajudante de campo, e Mr. Felix Legoy, secretario particular. O conde de Castro-Marim foi recebido ao Caes de Sodré, segundo conta a duquesa de Abrantes, a Aldegalga, segundo refere Soriano, ou ao caes de Belem, segundo noticia a *Gazeta de Lisboa* de 29 de Abril de 1805. O embaixador e a embaixada foram conduzidos em coches da Casa Real ao palacio da rainha Pinto no largo do Loreto. A respeito dos novos representantes da França formou-se logo uma corrente sympathica nas altas regies politicas. Uma carta, sem data, do ministro dos estrangeiros ao conde de Villa-Verde dizia: — "Conheço o novo nomeado para Embaixador, tem maior talento e hé mais amavel do que Lanneau, porém julgo que as intenções serão as mesmas." (19) Uma carta do conde da Ega, datada da Junqueira, aos 14 de Abril, dizia ao mesmo Villa-Verde: — "Estive com Junot, que hé vivo, tem boa presença e maneiras; disse-me que negocios importantes o fizeram tomar a posta na fronteira até Madrid, que tivera muitas entrevistas com o P. da Paz, de quem se separara em bons amigos. Parecia-me que o negocio nos respeitava, mas que não será violenta qualquer proposição; tudo isto hé conjectura fundada em expressões que o mesmo Junot tem avançado, dizendo que espera reparar as injurias que foram feitas a Lanneau — o primeiro. Outra carta do ministro dos estrangeiros ao Villa-Verde, com data de 18 de Abril, diz: — "Depois de pedir a V. Ex.ª que me ponha aos pés de nosso Augusto Am, beijando-lhe por mim a Sua Real Mão, vou participar o que passei com o Embaixador: Modo, figura e expressões, tudo previne em seu favor, etc. Refere mais que Junot lhe perguntara se o Principe o recebia em Salvaterra ou em Queluz, que ficara satisfeito quanto ao seu que se em Queluz, e que lhe disse seria muito agradável a Madame Junot se fosse recebida pela Princesa. Junot acrescentou ainda ao ministro: "que esperava que o recesso, não como ministro de estado, mas como amigo — e tudo com modo muito urbano. Outra missiva do supra-citado ministro ao Villa-Verde, com data de 20 de Abril, aprecia assim a esposa de Junot: — "Escreverei logo ao Embaixador para que a Mulher peça ora á Camareira-Mór; parece-me ter tambem muito bom modo; gosta muito de musica, e me fala com grande interesse em ficar a Catalani. Mais abaixo refere-se ao facto de Junot querer mudar de morada, em consequencia do barulho que faziam os sinos da Encarnação, e diz: — "O Embaixador não está contente da casa por cauza da vizinhança dos sinos, que lhe fazem mal á cabeça, na qual teve muitas feridas, e talvez perdesse a Fálvaan. Outra carta, sem data, conta que, dias depois da apresentação, Junot mandou uma nota por um creado grave a casa do ministro dos es-

trangeiros, participando-lhe a proclamação de Napoleão como rei de Itália. A carta de 21 de Abril allude aos ciúmes diplomáticos, de que lóra saltado Lord Fitz-Gérald, que chegou a prevenir o ministro Azevedo de que, se o embaixador francez pedisse audiências particulares a S. A. R., e as obtivesse, também elle as pediria immediatamente, "ainda que não fosse senão para que o Publico visse a sua carruagem á porta do Paço. Accrescentava que Junot desejava visitar o ministro, o duque de Lafões e o Patriarcha, para o ultimo dos quaes trazia uma carta.



Duquesa de Abrantes

A determinação das formalidades para a recepção de Junot deu azo a gasta-se em algum papel e alguma tinta em epistolas. Procurou se, a todo o transe, "evitar todas as desordens que succederam, quando chegou Lameas, que quiz atropellar, e com effeito atropellou, o cerimonial e uso d'esta corte na recepção dos ministros estrangeiros, o que causou escandalo publico e foi uma das primeiras causas que o indispuz contra o secretario dos negocios estrangeiros, D. Carlos de Azevedo, conde de A. de A. de Azevedo, Comtado, estes e outros assumptos que se prendiam com a politica internacional apresentavam obices, não só porque o corpo diplomatico era tão fértil em extravagancias, que era precisa toda a paciencia para o aturar, mas porque, "emhora o Villa-Verde fosse muito habil negociador, não era santo, e, portanto, não podia fazer milagres, principalmente enquanto a Calalani se conservasse em Lisboa." (Carta ao conde de Villa-Verde.)

Aplanadas todas as difficuldades e regulado o apparatus cerimonial cortezanese, Junot teve aviso de que seria recebido em audiencia solemne no Paço de Queluz em 24 de Abril, onde a embaixada foi conduzida em coches da Casa Real, acompanhados de uma escolta de cavallaria. Junot — nimbedo de gloria e de chic — levava o seu bello uniforme de coronel — generoso e de muito reluzente de ouro, e uma pellica debruada de pelles de raposa azul. Madame Junot levava um *passer* da modista Le Roy, da rua dos *Petits-Champs*, um vestido de *moire* branco bordado a ouro, e, na cabeça, uma touca bordada a espigas de diamantes com um feixe de seis plumas presas por um broche de diamantes. Os mestres de cerimonia palaciana, imbuídos da arte das reverencias, impunham aquella *toilette* esdruxala, que fazia assemelhar a embaixatriz a um cavallo de vendedor de hortaliça, segundo ella dizia, e que provocou a hilaridade dos gallegos do chafariz fronteiro, mal a viram assomar á porta do palacio para entrar no coche. A embaixatriz viu-se em pancas para se accommodar no interior do charrido. Emfim, lá penetrou como ponde, sentando-se de esguelha e tirando as plumas para as não amarrarot.

Os embaixadores tiveram de cumprir observantissimamente o formulario regimentar da pragmatica, os principios ceremoniotonicos da geometrica etiqueta mezeirica, as tyrannicas leis protocoloricas, que então tinham a magestade lenta e complicada das liturgias. Junot achou feia toda a Real Familia, salvante o Principe da Beira, D. Pedro. Madame Junot encontrou os corredores do palacio tão sujos, que teve de tomar muito cuidado para não macular os sapatinhos; e, ao ver as damas da corte sentadas no chão com as pernas cruzadas — porque, ante os reinantes só se sentavam no chão ou em tamborêtes, e nunca em cadeiras — e com trages vermelhos e azues, comparou-as a cacatuas. Tal foi a impressão de ridiculo que a nossa corte deixou logo no espirito dos dois Junots.

D. Carlota Joaquina, não se contentando simplesmente com os amores aduterinos de João dos Santos, almorçarão do Real Paço e da quinta do Ramalhão — cuja exuberancia de quadras rivis e cujo estranho vigor masculino excluía a necessidade do emprego dos elixires cantharidatos — enamorou-se do bello Junot e chegou a apressar-lhe uma entrevista na quinta da Princesa, em Pedrouços, mas elle frustrou-lhe a expectativa e mandou a bugiar. (20) Fítadeado o caso, porque tanto ella como seu real marido escovavam as principescas ventas com rapé, passamos adiante.

Junot frequentou assiduamente S. Carlos, onde tinha de assignatura o camarote n.º 41, e onde era visto em companhia de sua esposa, e, ás vezes, do joven Rayneval e do coronel Laborde; e Madame Junot abriu os seus salões do largo do Loreto, onde recebeu a *haute-gomme* lisboense, cujas principaes individualidades se entreteve a retratar, em quatro traços, no seu album, que Napoleão quiz ver, mas que nunca restituiu á proprietaria. (21) Todas as noites havia reunião, em que se fazia musica, se jogava o *segue* e se dançava. A estas reuniões compareciam: — o Marquez de Loulé — o primeiro dançador dos bailes de Madame Junot — o cavalleiro de Lebseltner, ministro de Austria, e as suas tres filhas, o velho conde de Campo Alange, ministro de Hespanha, o secretario D. Evaristo Perez de Castro — que depois contrariou as pretensões de D. Carlota Joaquina á regencia de Hespanha —, o secretario Camillo de los Rios — elegante, polido e servical —, o conde de Sabu-

gal — fino, espiritoso e poeta —, o joven Marquez de Valença — pianista de talento —, Antonio de Araujo de Azevedo, homem agradável e de espirito encantador, o conde de Villa-Verde, o Marquez de Alorna, o Marquez e a Marquiza de Pombal — o velho conde de Novion, o conde de Artaize — um emigrado —, Mr. Magnien, medico da embaixada, a duquesa de Cadaval — que conversava muito com Madame Junot — e o nuncio Galeppi — que passava as manhãs em casa do Marquez de Abrantes e as tardes em ambas as francezas —, Dohrman, ministro hollandese — tão amavel como sua mulher —, o Marquez de Abrantes, com quem Madame Junot almocava habitualmente, a Marquiza de Loulé — uma das *tres Graças* e irmã do ultimo dos Marialva —, os duques de Lafões, o pintor Pellegrini, Mr. l'Evêque, pintor de retratos e miniaturista em esmalte, Dr. Picanço, medico da Real Camara, Naldi, cantor de S. Carlos e professor de organo de Junot, o cantor Catani, Vicente Maschi, auditor da nunciatura, o vice-consul La Fargue, visinho do embaixador, porque morava defronte de S. Carlos, etc.

Madame Junot offerreceo bailes, "mas não os dava para os portuguezes, que, em geral, não gostavam da dança e dançavam muito mal." (22) Estes bailes eram illuminados pelas elegancias superiores de lindas mulheres, trajando *toilettes* de que ellas tinham o gracioso monopólio. As suas guarnecidas de brancos e perla branca, encostavam-se braços osculados pelo beijo luminoso e frio das pedras irradiantes; nas cadeiras e nos canapés estofados de *noirena* amarella sentavam-se estatuas de marmore vivo, cuja beltade era triplicada pela mentira dos cosmeticos. Enquanto as retardatarias retocavam as garfides capillares no gabinete de vestir, deante do tocador á la *Duchesse* com capoteis dourados, nas salas chilreavam sedas, forradas de Junot, que rebentava de perfume e de fumaça, trepidavam jogos infinitos de phosphorescencias, soavam vozes finissimas, que se diriam notas perdidas de flautas de *crystal*, malhaviam leques empunhados por mãos delicadas, cuja graça grueirosa e rythmica tinha o vôo balancado de uma aza, onde se espelhassem curvas chammias. Da orchestratia, chovia uma batega de notas saltitantes, que derramavam azogue nas pernas dos valisistas, em curvas de *la Duchesse* e de concertos da embaixada tiveram de cessar, porque Junot foi chamado por Napoleão, no momento em que começava a guerra com a Austria, e ali chegou exactamente na vespera da batalha de Austerlitz, na qual ainda pôde desembanhar a sua espada valerosa. Madame Junot, que estava nas Caldas da Rainha, partiu depois para Madrid, onde teve occasião de conhecer a futura amante de seu marido, a condessa da Ega, ministra de Portugal, e que trazia em suas caudalosas Linhas, segundo ella conta. Ali se informou, por ordem de Talleyrand, sobre a finança da princeza das Asturias, que diziam envenenada com um veneno lento pela rainha Maria Luiza e pelo seu amante Godoy, e que falleceu antes de Madame Junot seguir para Paris, onde chegou em terça feira gorda de 1806.

A mobilia da embaixada de França em Lisboa leilou-se em Fevereiro e Março de 1806. Duas serpentinias e um relógio do embaixador foram parar a uma casa da rua das Portas de Santo Antão, onde depois se vendiam. (23)

Junot voltou a Portugal em 1807, á testa de um exercito conquistador. Se, na primeira vez, á maneira de certo embaixador de Carthago, trazia nas dobras da sua pellica de *hussard* a paz ou a guerra, na segunda vez trazia simplesmente a guerra, com todo o seu cortejo de horrores, protervias e depredações.

PINTO DE CARVALHO (Timop).

- (1) *Le Moniteur Universel* de 17 *Pluviôse* do anno 13 (6 de Fevereiro de 1805).
- (2) Barão Thiébault. *Memorias*, tomo III, pag. 154.
- (3) *Journal intime* da duquesa de Abrantes encontrado entre os papéis de Balaze.
- (4) Thiébault. *Memorias*, tomo IV, pag. 162-164.
- (5) Stanislas Girardin. *Journal et Souvenirs*, tomo II, pag. 308.
- (6) General Marbot. *Memorias*, tomo II, pag. 232-234.
- (7) Thibaut de Benville. *Mes Souvenirs*, pag. 143-155.
- (8) Duquesa de Abrantes. *Memorias*, vol. I, pag. 450.
- (9) Joseph Turquan. *Le monde et le demi-monde sous le Consulat et l'Empire*, pag. 231.
- (10) *Journal intime* da duquesa de Abrantes.
- (11) F. da Fonseca Benevides. *No tempo dos Franceses*, pag. 57.
- (12) *Gazeta de Lisboa* de 11 de Fevereiro de 1811.
- (13) Thiébault. *Memorias*, tomo II, pag. 439.
- (14) La Saint-Elim. *Mémoires d'une courtisane*, pag. 274.
- (15) Reichardt. *Un hiver à Paris sous le Consulat*.
- (16) Duquesa de Abrantes. *Memorias*, vol. I, pag. 450.
- (17) Joseph Turquan. *La générale Junot, duchesse d'Abrantes*, pag. 122.
- (18) *Memorias* de Ida Saint-Elim, pag. 275-276.
- (19) Archivo do Ministerio da Justiça. *Correspondencia com o conde de Villa-Verde*.
- (20) Duquesa de Abrantes. *Souvenirs d'une ambassade et d'un séjour en Espagne et en Portugal*, vol. II, pag. 272.
- (21) Joseph Turquan. *La générale Junot*, etc., pag. 138.
- (22) Duquesa de Abrantes. *Memorias*, vol. I.
- (23) *Gazeta de Lisboa* de 22 de Agosto de 1806.

# Quem o feio ama, .... dinheiro lhe aparece..



*Fragata á vista*



*Primeiro tiroteio*



*A abordagem*



*A capturada...*



## BRASIL-PORTUGAL

Composição e Impressão  
 Texto e capa: Companhia Nacional Editores  
 Largo do Condé Barão, 50  
 Páginas suplementares: O.º Estêvão Nunes & F.º  
 Rua d'Assumpção, 18 & 24

REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA

Directores  
 Augusto de Castello, Jayme Vieira, Lorys Tavares  
 Editor—Luiz Antonio Sauchez  
 Redacção e administração—Rua de S. Roque, 123  
 Ed. telegraphica—BRASIL-PORTUGAL—LISBOA

## ASSIGNATURAS

ESTADOS UNIDOS DO BRASIL		PORTUGAL, ILHAS, E AFRICA		ESTRANGEIRO	
Anno .....	36,000	Anno .....	58,000	Anno .....	72,000
Numero avulso { Moeda brasileira .....	2,000	6 meses .....	2,900	6 meses .....	4,200
		3 meses .....	1,550	Numero Avulso .....	3,000
		Numero avulso .....	3500		

## SUMMARIO

## TEXTO

João Antonio Brissac da Neves Ferreira  
 "Politica Internacional — CONSOLHEIRO PEDROSO.  
 A conferencia do Sr. Batalha Reis.  
 Lyrisimo — JAYME DE SEGUEIR.  
 Chronica — JOAO CHAGAS.  
 Fim de Seculo — quadro de PEDRO AMERICO.  
 Os Ossos de ' amos — A. M. DA CUNHA BELLEM.  
 Pensamentos.  
 Artistas portugueses no Brasil.  
 As nossas gravuras.  
 Real Academia de Amadores de Musica — P.  
 DE OLIVEIRA PIRES.  
 O ministro General Lannes e o Embaixador  
 General Junot — PRINCE DE CARVALHO (TIPO).  
 Quem o feio ama... dinheiro lhe apparece —  
 LOR.

## 35 Illustrações

## PAGINAS SUPPLEMENTARES

Os nossos correspondentes.  
 Representantes do «Brasil-Portugal».  
 Bom conselho.  
 Dr. Alberto Fialho;  
 Bibliographia — JOAO COSTA.  
 Antonio José d'Oliveira Costa.  
 Cartas da Quinquena.  
 Monmouth — JORGE D'ESPARRÉS.  
 A lenda do elephante branco — L'ISLE ADAM.  
 Anecdotes.  
 Errata.

## ANNUNCIOS

Os vinhos de Adriano Ramos Pinto. — Porto  
 Villar d'Allen—Vinhos—Rio de Janeiro.  
 Grande Hotel Metropole—Rio de Janeiro.  
 La Union y El Fenix Español—Lisboa.  
 Chapelaria da Moda—Lisboa.  
 Maison Nouvelle—Lisboa.  
 J. Nunes Correia & C.ª—Lisboa.  
 Veados.  
 Companhia Geral do Credito Predial—Lisboa.  
 Estamparia do Balthão—Porto.  
 Vinhos Velhos Legitimos do Porto. — Porto.  
 Casa Baquet—Porto.  
 Aguas de Carabaña—Lisboa.  
 Cesar A. Paiva, dentista—Lisboa.

Gabinete Hydrotherapico—Lisboa.  
 London & Paris—Lisboa.  
 João Ferreira — Porto.  
 Lemos & Filhos—Porto.  
 Almanach illustrado Brasil Portugal, para  
 1903. — Lisboa  
 Atelier d'Alfaiate A. Couto — Lisboa.  
 Companhia Mechanica e Importadora—S. Paulo  
 C. P. Vianna & C.ª — S. Paulo.  
 Loja do Japão — S. Paulo.  
 Agencia Financial de Portugal—Rio de Janeiro.

## NA CAPA

Garantia da amazonia. — Pará.  
 Brasil-Portugal.  
 Notre Dame de Paris. — Rio de Janeiro.

## OS Nossos Correspondentes

A empresa do BRASIL-PORTUGAL tem já os seguintes:

## No Brasil

RIO DE JANEIRO e S. PAULO—Agencia Central  
 dos Estados do Sul; Coronel Theodilo Fupo de Mo-  
 reira e José Martins Pollo, Rua de Alameda, 4, sobrado.  
 PERSA AMBUO — A. Leopoldo da Biviera. — Rua  
 de Marco, n.º 14  
 PANA — J. B. dos Santos — (Livraria Classica) — Rua  
 João Alfredo, 36.  
 MANAOS—Jayme de Camara—Livraria Classica—  
 Rua Guilherme Moreira.  
 MARANHÃO—Leoncio J. de Medeiros & C.ª  
 CEARA—A. Ferreira Braga — Praça José Alencar 20  
 BAHIA—José Luiz da Fonseca Magalhães (Livraria  
 Magalhães) — Rua Direita do Palacio, 28  
 PELOTAS—Carlos Pinto & C.ª (Livraria Americana).  
 PORTO ALEGRE—Carlos Pinto & C.ª (Livraria Americana).  
 RIO GRANDE DO SUL—Carlos Pinto & C.ª (Livraria  
 Americana) Rua Marechal Floriano, 100.

## Em Africa

MOÇAMBIQUE—Julio Augusto Pinto de Carvalho  
 MOMBAMBELOS—Joachim Teixeira de Assumpção.  
 QUELLIMANS—Henrique Jorge de S. Neves.  
 BÉNQUELLA—Mathias & Tavares.  
 LOURENÇO MARQUES—D. Bernardo Heitor da  
 Silveira de Lorenza.  
 S. TIGES—L. A. B. Alves Mendes

## Na India

NOVA GOA — Antonio M. da Cunha — Casa Luso  
 Francesa—Rua Afonso de Albuquerque.

## No Continente

PORTO.—Joaquim Caldas e Brito, Rua Pinto Bessa,  
 240.  
 EVORA.—Agente geral em Evora e no Sul Luiz  
 Freire Correia, Rua de Mouraria, 37.  
 BENAVENTE—J. M. B. Carvalho.  
 PONTE DE LIMA—Gama, Amaral & Com.ª.  
 COIMBRA—João Ribeiro Arrobas, Arco do Ivo, 1-2.  
 CASTELLO BARCO—Pedro Augusto Pessoa.  
 ABRANTES—Antonio Augusto Aguiar.  
 ELVAS—João Antonio dos Santos sobrinho.  
 A COBACA—José Narciso da Costa.  
 PORTALEGRE—Domingos da Guerra Conde  
 LEIXIA—Mannel Pereira Dias.  
 FIGUEIRA DA FOZ—Antonio Marques de Oliveira.  
 VIANNA DO CASTELLO—J. B. Domingues  
 COCUBES—José Ferreira Cabral.  
 TAVIRA — José Maria dos Santos.  
 FARO — Maya & Trigo.

## No Estrangeiro

PARIS—Xavier de Carvalho, Boulevard Clichy, 15.

## REPRESENTANTES DO «BRASIL-PORTUGAL»

No Estado de S. Paulo (Brasil) representam o  
 Brasil-Portugal os srs.

Daniel Monteiro d'Abreu, em S. PAULO.  
 Zeferino Lourenço Martins (vice-consul de  
 Portugal), em SARRIOS.  
 Alberto da Silva Costa (rua do Barão da Ja-  
 guára, n.º 1), em CAMPINAS.  
 Dr. João Guedes (rua do capitão Miranda, 8),  
 em AMPAIO.  
 A. Vianna Pinto de Sousa (vice-consul de  
 Portugal), no RUMENÃO PRATO.  
 Rio Solimões — J. C. Mesquita (casa Andre-  
 sen) — MANAOS.

## Bom conselho

— Como tu estás abatido, rapaz!  
 — Que queres? Loucuras... excessos... o  
 diabo!...  
 — Mas agora reparo... Tu estás forte, rijo,  
 combas cores. E eras tão fransino!  
 — Cousas, meu velho. Fazê como o Toma  
 o Chocolate Brasil, que se fabrica no  
 Moimho de Ouro, no Largo de S Francisco  
 do Rio de Janeiro.

Proveem os preciosos vinhos  
 de Adriano Ramos Pinto

## Dr. Alberto Fialho

Chegou a Lisboa o illustre diplomata, o sr. Dr. Alberto Fialho, novo ministro do Brasil n'esta côrte. El-Rei recebeu-o em audiência no dia 5, trocando-se os seguintes discursos do estylo:

Do ministro do Brasil:

Senhor.—Tenho a subida honra de pôr nas augustas mãos de Vossa Magestade a carta autographa do sr. presidente dos Estados-Unidos do Brasil, que me acredita junto a Vossa Magestade no caracter de enviado extraordinario e ministro plenipotenciario.

A alta missão de que fui investido é sem duvida das mais facéis, porque a outro fim não visa senão a conservar intactas as cordialissimas relações que entre si mantêm dois paizes irmãos e seus respectivos governos; nem por isso será seu desempenho para exigir de mim menores esforços e seu exito para causar-me satisfação menos legitima.

Fiel interprete do meu governo e dos meus compatriotas nos seus sentimentos de affecto, grãndio e respeito por um povo, que, depois de trazer-nos ao seio da civilisação, tere sido e continuará a ser factor dos mais importantes na obra do nosso engrandecimento material e moral, tenho o dever de assegurar desde já a Vossa Magestade, que minha conducta não se afiastará um só momento do caminho mais proprio á consecução d'aquelle resultado. Ella obedecerá tambem aos impulsos naturaes do meu coração, dadas as vivas sympathias que desde a infancia inspirem-me as solidas qualidades d'este povo e minha profunda admiração pelos gloriosos feitos da sua historia, tão intimamente ligada á nossa.

Animado como me acho d'estas idéas e propósitos, permita-me Vossa Magestade esperar que não me faltará com a sua alta benevolencia e elemento mais indispensavel de que careço para desempenhar-me cabalmente da honrosa e grata incumbencia que recebi.

Não o faria se deixasse de apresentar n'esta occasião a Vossa Magestade, com os meus proprios,

os sinceros votos que faz o sr. presidente da Republica pela prosperidade da nação portugueza e pela felicidade pessoal de Vossa Magestade e de todos os membros da sua augusta familia.

Resposta de El-Rei D. Carlos I:

Senhor ministro.—Recebo com verdadeiro prazer a carta que vos acredita junto da minha pessoa na qualidade de enviado extraordinario e ministro plenipotenciario da Republica dos Estados-Unidos do Brasil.

Muito folgo de ouvir que, da consecução do elevado fim da vossa missão, qual é o de manter inalteraveis as relações de cardeal amizade, felizmente existentes entre Portugal e o Brasil, poreis, decidido empenho, e que no seu exito encontrareis justo motivo de satisfação.

Os sentimentos que manifestas em nome do vosso governo e do povo brasileiro, pelo paiz a cujos destinos me ufano de presidir, e que na existencia da nobre nação de que sois representante, tem um dos seus mais legitimos titulos de orgulho; as referencias que fazeis aos feitos gloriosos da sua historia, tão intimamente ligada á do Brasil e á sua influencia na vida da nação irmã, não podiam deixar de ser para mim em extremo agradaveis.

As vossas distinctas qualidades, a escolha que me foi particularmente grata, da vossa pessoa para representante do Brasil, e os propósitos e sentimentos de que vos achaeis animado, facilitarão sem duvida a realisação da honrosa missão que foi confada, e asseguram-vos, desde já, toda a minha benevolencia.

Agradeço os votos que em vosso nome e no do presidente da republica fazeis pela prosperidade da minha patria, pela minha felicidade e da minha real familia, e peço-vos significais a sua ex.ª o presidente que eguaes votos formo pela vossa felicidade pessoal e pela prosperidade da nação brasileira.

O illustre diplomata teve a gentileza de vir pessoalmente aos escriptorios do Brasil Portugal, honrando-nos assim com uma distincção que muito nos penhorou.

## BIBLIOGRAPHIA

Depois da nossa ultima resenha, o primeiro livro que nos chega ás mãos, vem de Campinas. É um livro de versos do sr. Sebastião de Campos, e intitula-se *Novens errantes*, paginas de poeta pelas quaes vóa a imaginação do artista, em rythmos varios, sonetos, canções, pequeninos poemas de amor, cantando a natureza e a mulher, os doua eternos ideaes do poeta.

Abre esse livro com o retrato do auctor que é dedica a seus paes, a seus irmãos e a seus amigos. Como amostra da fôrma, um delicioso quadro, traçado com delicada graça pelo poeta:

## LENDO O FUTURO

A uma creança mimosa

- Mulher, dizei a sorte que me espera!  
—Cortae, Senhor, tres velhos o borralho?  
—Prompto.  
—Agora, esperae... o meu trabalho.  
Vou comear veridica e sincera.  
Vedes a dama aqui, de fronte austera?  
Sim, vejo.  
—Vae negar vos agasalho...  
—Porquê?  
—Desconhecendo o puro orvalho.  
Do vosso amor...  
—'Meu Deus! me desespera!  
—... despreza-nos por outro. —Dizei: quando ha-de isso acontecer?  
De emós chegando.  
De penosa jornada, ora secreta.  
—E, depois?  
—Vel-a-eis passar sorrindo...  
Nos olhos um punhal sempre brandindo?  
—Deus a faça feliz!  
—Quem sois?  
—Um poeta!...

E já que estamos na America do Sul, devemos mencionar aqui o n.º 30 da *Revista do Norte*, que abre com um esplendido retrato de Augusto,

# VINHOS VILLAR D'ALLEN

## CHAMPAGNE VINHOS DE PASTO

Da Real Companhia Vinicola do Norte de Portugal

AGENTES: JOAQUIM JOSÉ GONCALVES & C.ª

Rua 1.º de Março, 59 — RIO DE JANEIRO

### GRANDE HOTEL METROPOLE

Incontestavelmente o primeiro do Rio de Janeiro

Gerente: CANDIDO AUGUSTO FERREIRA

O *Metropole*, pelo seu conforto e situação pittoresca, é o hotel preferido por todos quantos chegam da Europa.

Bonds electricos dia e noite

A 5 minutos da Estação do CORCOYDO

Rua das Laranjeiras, 181

RIO DE JANEIRO.







bilhar, e com a rapidez do relampago—as molas d'aço d'uma bomba de chloroformio na extremidade da tromba. O animal sufocado n'um instante, queimado, atordoado, agitava em vão para todos os lados a sua proboscida, brandindo e sacudindo, ao acaso, a aspirante mais tenaz e a aspiração de cada esforço ainda mais torporosa. O piedoso conductor, sentindo-o vacillar, sahio finalmente do seu estase e quiz salvar para o chão; foi aqui recebido por Mayeris e por um dos seus que, n'um abrir e fechar d'olhos, o ataram e amordaçaram, enquanto os outros escovavam da direita e da esquerda, com fortes troncos d'arbustos, o elephante agora comatoso e mais que meio desfalecido.

Arreçada rapidamente a bomba, tiraram-lhe da curvatura das defezas, os ornamentos d'ouro, da cintura e das pedrarias com que as mulheres da cidade o tinham sobrecarregado e abriram os barris: quatorze braços expeditos pozeram-se então a untal-o, da cauda até ás largas orelhas, embelhendo n'uma dupla camada do penetrante líquido até ás ultimas dobras da tromba. Dez minutos depois o elephante sagrado, completamente transformado com excepção dos marfins, tornára-se preto.

Aproveitavam-se do momento psicologico em que o animal parecia voltar a si para o attrahirem, docil, para a jangada. Apenas elle all poz os pés, prenderam-lhe os com grossas cadeias de ferro. Armaram á pressa uma br. raça de panno para o cobrir, deitaram o machout n'uma cama de folhas, desatararam as amarras e for avés. As amanhечer estavam a vinte leguas de distancia. Dois dias mais e estavam livres de qualquer perseguição. Para se distrahirem, roterocem o elephante, cujo entorpecimento ainda não se dissipara de todo. O *Mahout* morrera de terror. Ataram-lhe uma pedra ao pescoço e atiraram-no á agua, na noite seguinte.

Finalmente chegaram Mayeris e os seus. Eram esperados. A apparente negrura do elephante impressionava, mas os officios inglezes guardaram segredo, e d'esta vez foi com uma boa escolta que alcançaram o mar, onde embarcaram a enorme presa no navio, que os esperava havia já dias na foz.

Ao chegar ao Tamisa, embandeirou-se o navio. Victoria *God protest old England!*—Um colossal tender do railway suburbano transportou o animal para o *Zoological Garden*. Lord W. chamou por telegramma, já ali estava com o director.

—Aqui está o elephante branco! exclamou Mayeris, radiante:—Milordi faça favor de me entregar o prometido cheque sobre o Banco de Inglaterra.

Houve um momento de silencio, bem natural diante da sombria physionomia do animal.

—Mas,—mas, o seu elephante branco é preto!—acabou por murmurar o director.

—Não que dizer nada! respondeu sorrindo, o domador. E' que fomos obrigados a tingir-o para o roubar.

—Então faça favor de o distinguir! replicou Lord W. — porque a verdade é que não podemos proclamar branco o que é preto.

No dia seguinte Mayeris voltou com os chimicos necessários, para se dar começo sem demora á operação.

Aquella que pozeram-se então a esfregar logo com poderosos reagentes o desgragado pachyderme, que, voltando-se para a direita e para a esquerda,

parecia perguntar a si mesmo com inquietude: «Quem são estes homens com as suas esfregadellas continuas?»

Mas os ácidos da tinta inicial tinham penetrado profundamente no espesso tecido cutaneo do proboscideo, de fórma que combinando se com os ácidos, os reagentes, applicados sem methodo, produziram um resultado inesperado. Em vez de tomar a sua primitiva cor, o elephante tornava-se verde, cor de laranja, azul celeste, violeta, vermelho,—papo da bomba,—reluzia e passava por todas as cores do arco iris. A tromba,—semelhante ao pavilhão multicolor d'uma nação desconhecida,—pendia, immovel, ao lado de uma das suas immensas pernas de cor exotica,—a tal ponto que, n'um momento de admiração, o director maravilhado exclamou:

—Oh! deixem-nos! Por piedade não lhes toquem mais! Que monstro fabuloso! o elephante camaleão! Co' n' certeza viria gente do fim do mundo para vêr este animal das *Mil e uma noites!* Positivamente nunca, nunca, na superficie planetaria que occupamos, se viu um animal d'esta ordem antes d'este bello dia!—pelo menos, estou muito propenso a acreditar-o.

—Dra. lilar a verdade, senhor, é possível!— respondeu lord W., embasbacado tambem deante da extraordinaria visião. Mas nos termos do contracto, este senhor deve entregar um elephante branco e não multicolor. O branco só o branco constitue o valor moral pelo qual eu offereço cem mil libras. Restitua-lhe pois a sua cor primitiva, senão não pago. Como é que se ha de provar que um tal asparental é um elephante branco?

Dizendo isto lord W. sahio. Mayeris e os seus companheiros olhavam desconsolados para o animal que não queria embranquecer, de subito o domador bateu na testa —Sr. director, perguntou elle, de que sexo são os seus elephantes do *Zoological Garden?*

—Só um é do sexo feminino.

Muito bem! exclamou Mayeris triumphante cruzemol-os! Esperarei os vinte mezes regulamentares da gestação. Perante os tribunales o filho mulato, será a prova da raça branca d'este. —Seria uma boa ideia, murmurou o director e, accrescentou em tom de chacta, decerto que obteria um elephante cor de café com leite se não fosse notorio que o elephante captivo recusa vigorosamente a si proprio ás alegrias da paternidade.

—Fabulas, assim como o seu pretendido pudor, tudo isto não historias.

Além de que o elephante branco, tem outros costumes. Para maior certeza hei-de deitar nos alimentos que d'rem ainda, o que mate os mais violentos aphrodisiacos e a sorte, eu decida.

Naquella mesma noite o domador encontrado, esfregava as mãos, tendo adquirido a certeza das druzadas seguinte, o descommunal elephante foi achado sem vida na casa dos elephantes. A dose do *chussing* fóra forte de mais: morrera d'amor.

Neste meio tempo, Mayeris recebeu um ultimatum, de Lord W.

O inglez participava-lhe pela ultima vez que não se reconheceria como devedor do preso do elephante mulato; que ainda assim, reprovando o crassamento destinal provocado, offerencia cinco mil libras de indemnisação para abafar o nego-

cio, aconselhando ao domador que fósse buscar outro elephante branco, e que d'esta vez se tingísse menos.

Como se fosse possível roubar durante a vida dos elephantes brancos: remungou o domador furioso: pois bem iremos aos tribunales.

Mas, tendo lhe *attorneys e sollicitors* garantido a perda da sua causa, Mayeris suspirando, contentou-se em nomear um curador do futuro elephante mulato, accairou as cinco mil libras para os seus homens e sahio de Londres.

Depois quando conta com melancolia, esta aventura—demasiadamente phantastica para ser crevível—acremosito «com um extranho timbre de voz não lhe parecem chasquear não sei que espiritos longiuos:

—Gloria, exito, riqueza? Vapor e nuvens! Antes de hontem perdê-se um reino por uma pancada dada com um leque; hontem dissipou-se um imperio por um cumprimento retribuido, tudo depende de nós! Finalmente, não é isto mysterioso? Se a velha predição, se a agourenta ameaça do Deus d'aquelle paiz é digna de fé que inspira a tantos milhoes d'homens, porque é que se salvou o imperio birmano, que afinal, será amanhã o conquistado?

Porque, é duro dizer-l-o, em logar de me pre-aver levaniamente, d'aquella agua fatal para tingir e raptar o Elephante sagrado de Gadama Boudha, não me lembrei de encher, muito simplesmente, os meus pesados barris de ferro... com uma porção de pó de sapato.

L'ISLE ADAM.

—Então como se sente depois de tomar o remedio? pergunta o medico. Sente se mais forte?

—Oh! sinto-me com força de emprender uma viagem...

—Uma viagem?... —Para o outro mundo.

—Então que é isto? pergunta o dono da casa ao criado, então o relógio cá debaixo dá duas horas, e o lá de cima dá tres?

—Eu lhe digo, meu senhor; é que os dois relógios divi tem as horas entre si. No meu relógio, como pôde ver, são cinco horas.

ERRATA

No artigo *Frei Lurj de Sousa* do n.º 80, quiz-se dizer que talvez o visinho estivesse contagiado da febre do realismo, e não *constrangido*, como por lapsos sahio publicado.

LA UNION Y EL FENIX ESPAÑOL

Capital social 2.400.000RS000

18.000.000RS000

De dividendos pagos desde 1886 até 1895

PREMIOS E RESERVAS 5.933.000RS000

Seguros contra incendio, explosão e de que se mais

Equator Atlantique e Union Maritime

Companhia Francaza contra as fôrmas maritimas e fôrmas de transporte de qualquer natureza.

Directores—Lima Mare & Filhos LISBOA—Rua da Prata, 59. 2.º

**CHAPELARIA DA MODA**  
DE  
**JOÃO ALVES DA COSTA**  
32, Rua Garrett, 34-(Chiado)  
**LISBOA**

Completo sortimento de chapéus e bonnets para homem e creanga, nacionaes e estrangeiros, em seda, feltro e palha.  
chapéus CLAQUES, ditos para fardas, librés, etc.

DEPOSITO das agens minero-medicinaes de MONDARIZ

**MAISON NOUVELLE**



**MAISON NOUVELLE**

Modas e Confeccões  
Com atelier de modista e alfayate

✦ ANTONIO RODRIGUES CHAMUSCO ✦  
Rua do Carmo, 68 a 72 — Quinta das esadadinas de Santa Justa



**Armazem de fazendas e fato feito, por atacado e a retalho**

FORNECEDORES DA CASA REAL

**J. NUNES CORRÊA & C.<sup>a</sup>**

ESPECIALIDADE D'UNIFORMES

Rua do Ouro, 40, 42 e 44; Rua de S. Julião, 120, 162, 164 e 166—LISBOA

Prezantíssimas-se com a maior brevidade qualquer fornecimento e encomendas para exportação.—Atelier mecânico para confecção de uniformes. Garante-se em todas as encomendas a boa qualidade, perfeição e modicidade de preço.

**WEAADO**  
ESPECIALIDADES • FUMOS EM PACOTINHOS  
E CIGARROS EM CARTEIRINHAS

**Companhia Geral do Credito Predial Portuguez**

LISBOA—L. de Santo Antonio da 96. 19

Empréstimos hypothecarios: em obrigações predias a longo prazo—juro de 4, 4 1/2, 5 e 6 1/2 % de 10 a 60 annos. Empréstimos de conta corrente: a juro de 5 1/2 % e commissão de 1/2 % de 1 a 9 annos. Depósitos: accitam-se a prazo ou á ordem, vencendo 2 1/2 % á ordem e 3 1/2 % ao prazo de 3 mezes; 3 1/2 a 6 e 4 1/2 % ao anno. Propriedades: a Companhia tem muitas propriedades no reino e nas ilhas que vende a prompto e a prazo. Agencias: nos districtos e nas ilhas. No Porto está installada uma delegação que resolve com a maior rapidez qualquer das operações da Companhia.

**Estamparia do Bolhão**

Casa  
Fundada em  
1850

Rua de Fernandes Thomaz, 328

PORTO

**Grandes Armazens**

Fazendas de seda  
lã e algodão  
NACIONaes  
e  
ESTRANGEIRAS  
Tapetes, alfalfas, julas  
OLEADOS  
PERFUMARIAS  
MIUDEZAS  
etc



**VINHOS VELHOS  
LEGITIMOS DO PORTO**

Premiados nas exposições

DE

**PORTO**  
REGISTRADA  
MARCA DE COMMERCIO

Londres, 1862; Porto, 1865; e Paris, 1867 e 1878

ANTIGA CASA

**João Eduardo dos Santos**

Fundada em 1845

Os vinhos com o nome de minha casa só devem ser considerados genuinos e authenticos, quando ivem nos rotulos, capsulas, rolhas, caixas ou cascos, a marca do commercio registrada de que uso.

A venda em todas as casas de primeira ordem

**JOÃO EDUARDO DOS SANTOS JUNIOR**

**PORTO**

**CASA BAQUET**

**GONÇALVES JUNIOR  
ALFAYATE**

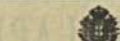


Confecções para senhoras

153—Rua de Santo Antonio—157

PORTO

COUPEUR—ANTONIO AMORIM



**CESAR A. PAIVA**  
CIRURGIÃO DENTISTA

SUAS Magestades e Altezas  
CONSULTORIO  
R. do Arsenal, 100. 1.  
LISBOA

**GABINETE HYDROTHERAPICO**  
do Dr. Mauperrin Santos

Médico e cirurgião J. Mauperrin Santos  
Medico e cirurgião J. Silvestre d'Almeida  
Instalção de hydrotherapico completo; d'agua  
salada de 40° a 70° para homens e senhores, salgada  
comumente a 70° para as independentes; galvânica  
com os d'agua salada e massagens; Massageamento  
e gymnastica d'agua, dirigida por C. de S. de S.  
no. Tratam. de doencas nervosas e do sistema  
muscular.

Aberto das 8 h. á 12 de manhã e das 3 h. á 5 da tarde  
ENTRADA: CALÇADA DO DUQUE DO  
CALÇADA DA GÓTTICA, 12 LISBOA

# GUILHERME SILVA ALMANACH do

## BRASIL-PORTUGAL

### para 1903

## SAHE BREVEMENTE

### ATELIER DE ALFAYATE



### ANTONIO DO COUTO

Premiado na Exposição  
Universal de Paris de 1900

Magnifico sortimento de fazendas  
nacionaes e estrangeiras

Rua do Alecrim, III, 1.º — LISBOA

Camisa, ceroulas,  
gravatas, collarinhos  
e punhos



Roupas bordadas  
e camizetas  
Envoavaes em todos os  
generos

LONDON & PARIS

109, Rua de S. Nicolau, 111

LISBOA



JOÃO FERREIRA  
PRIMEIRO FABRICANTE DE CAFÉ E CHOCOLATE EM PORTUGAL  
PORTO

## FOSFIODOGLICINA

DE

### Lemos & Filhos

Superior ao óleo de fígado de bacalhau,  
Superior ás emulsões oleosas,  
Superior a todos os depurativos,

na cura das Escrophulas, Rachitismo,  
Lymphatismo e Tysica incipiente

Medicamento e alimento, este producto dá resulta-  
dos seguros e rapidos no tratamento das doencas aci-  
ma indicadas, quer em creanças quer em adultos. E'  
agradavel á vista, ao olphato e ao paladar. Tem a  
opinião favoravel de professores da Escola Medica,  
directores dos hospitaes, asylos e dispensarios, nota-  
veis medicos eminentes especialistas.

Ensaado com exito seguro em todas as casas de  
beneficencia do Porto.

MARCA E NOME REGISTRADOS

Frasco, 600 réis; caixa de 8 frascos, 36300 réis; caixa  
de 12 frascos, 68200 réis.

PRODUCTO EXCLUSIVO DA

Pharmacia de 1.ª classe, Lemos & Filhos, Porto

Telephone 309

31, PRAÇA DE CARLOS ALBERTO, 31-A

Cuidado com as imitações e fraudes

A venda em todas as boas pharmacias  
e drogarias do paiz

FOSFIODOGLICINA, DE LEMOS & FILHOS

## No Boticão Universal



Primeiro Deposito  
de Artigos Dentarios

Na Capital do Estado de S. Paulo

### Januario Loureiro

Rua de Bento n.º 16

Caixa Postal n.º 71 — S. PAULO

COMPANHIA  
**Mechanica e Importadora**  
DE SÃO PAULO

Endereço teleg. — *Mechonica.*

Escritorio : RUA 15 DE NOVEMBRO N.º 36 — Caixa no Correio, 51  
em Londres : Broad Street House-New Broad Street, London, E. C.  
Officinas : Rua do Triunpho, n.º 37 e 43  
Fundição e Depósitos : Rua Monsenhor Andrade — Braz

Importação e fabricação de

*Machinas a vapor, motores a Kerozene, turbinas hydroaulicas, rodas d'agua, materias para luz electrica, serras de varios typos, machinismos para beneficiar café, des-piladores, materias e machinismos diversos para uso nas fazendas, para serrarias, carpintarias, marcenarias, ferreiros, serralheiros, garzistas, junleiros, fabricantes de carros e carroças, materias para estradas de ferro, abastecimentos d'agua e esgoto, construção e engenharia.*

Carvão de machina, coque, carvão de forja, ferro guza, ferro batido em barras, chapas e perlis diversos, tubos pretos e galvanizados, cimento, telhas de zinco, arame liso e farpado, tijolos refractarios, etc., etc.

S. PAULO-Brasil.

**C. P. VIANNA & C.<sup>A</sup>**

Successores da antiga casa de J. P. de Castro & C.<sup>A</sup>

IMPORTADORES E COMMISSIONARIOS

Unicos agentes no Estado de S. Paulo, das

**AGUAS MILAGROSAS**  
de Lambary e Cambuqueira

Agentes da Companhia de Seguros maritimos e terrestres

**LLOYD AMERICANO**

Caixa postal n.º 31.

Endereço teleg. : — «VANINA».

Codigo teleg. : — RIBEIRO.

R. do Commercio, n.º 11 e 13.

S. PAULO (Brasil).

**LOJA DO JAPAO**

**GARCIA, NOGUEIRA & C.<sup>A</sup>**

Agentes do BANCO DO M NHO

Emittem saques sobre todas as localidades de Portugal, Ilhas, Hespanha e Italia, e sobre Paris, Londres e Hamburgo.

Compram cambiaes sobre estas praças

Importadores e especialistas de

**Chá, cêra, sementes, fogos d'artificio, lanternas, presuntos, leite condensado,**

e muitos outros artigos do seu ramo de commercio.

Rua de S. Bento, 42.

S. PAULO-Brasil



**Agencia Financial**  
DE  
**PORTUGAL**

Rua General Camara — RIO DE JANEIRO  
SOBRE-LOJA DO EDIFICIO

DA

Associação Commercial do Rio de Janeiro

Continua aberto o pagamento de juros da divida publica portugueza, fundada e amortisavel nos termos da legislação vigente, e bem assim a emissão de

**Saques sobre Portugal**

pagaveis pelo BANCO DE PORTUGAL CAIXA GERAL DO THESOURO PORTUGUEZ em todas as capitães de districto e sédes dos concelhos do reino e ilhas adjacentes.

O agente Financieiro

**ALFREDO BARBOSA DOS SANTOS.**